

# PENTAGRAMA

*Revista bimestral do*  
LECTORIUM ROSICRUCIANUM

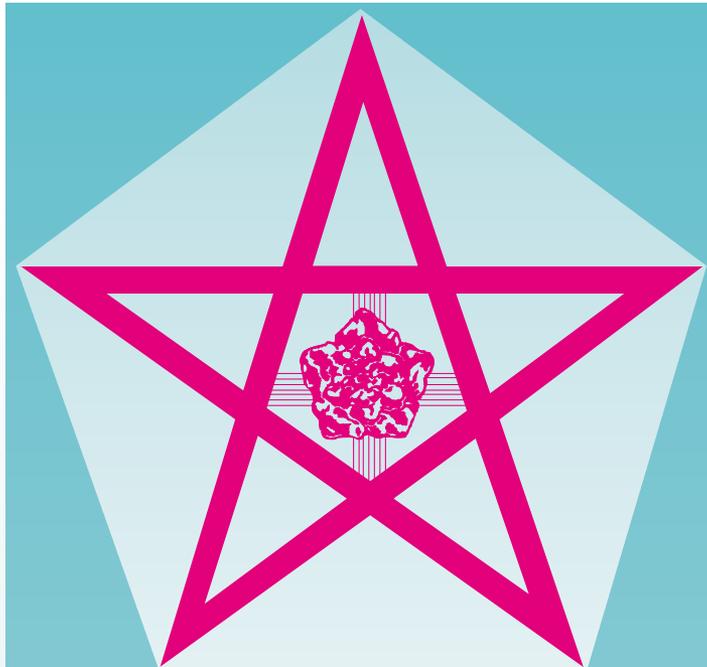
*Ano vinte e três - Número 2*

EM BUSCA DA  
IMORTALIDADE

A REALEZA  
INTERIOR

A HISTÓRIA  
DO PUBLICANO  
ZAQUEU

A MÔNADA E A  
UNIDADE



“TRANSCENDE O  
TEMPO, TORNA-TE  
ETERNIDADE”

“A EUROPA ESTÁ  
GRÁVIDA E DARÁ À  
LUZ UMA PODEROSA  
CRIANÇA”

RELIGIÃO CRISTÃ OU  
RELIGIÃO DE CRISTO?

O DEUS MORTO E O  
NOVO HOMEM

# PENTAGRAMA

## TRANSCENDE O TEMPO, TORNA-TE ETERNIDADE

---

“Giordano Bruno (1548-1600) teve apenas dezesseis anos para escrever. Entretanto, esse curto lapso de tempo lhe permitiu combater a idéia de que o mundo estava encerrado em esferas de cristal, como se acreditava na Idade Média; ele descreveu um universo infinito, cheio de vida.”



### ÍNDICE

- 2 EM BUSCA DA IMORTALIDADE
- 7 A REALEZA INTERIOR
- 13 A HISTÓRIA DO PUBLICANO ZAQUEU
- 15 A MÔNADA E A UNIDADE
- 20 “TRANSCENDE O TEMPO, TORNA-TE ETERNIDADE”
- 27 “A EUROPA ESTÁ GRÁVIDA E DARÁ À LUZ UMA PODEROSA CRIANÇA”
- 32 RELIGIÃO CRISTÃ OU RELIGIÃO DE CRISTO?
- 37 O DEUS MORTO E O NOVO HOMEM

*ANO VINTE E TRÊS  
NÚMERO 2*

# EM BUSCA DA IMORTALIDADE

*Segundo a ciência contemporânea, a vida e a evolução na natureza não são processos puramente químicos: eles são induzidos por energias ainda desconhecidas. Desde que o homem é homem, sempre se soube que essas energias poderiam ser concentradas e utilizadas. Aqueles que se utilizam delas são denominados magos.*

Nestes tempos revolucionários, a magia é uma matéria especialmente atraente. Alguns livros para crianças, que contam histórias de moços com poderes mágicos extraordinários, são vendidos em grande quantidade. Os pop stars envolvem sua pessoa e seu trabalho com uma certa aura mágica, e os jovens, atraídos pelo mistério, deixam-se prender de bom grado. Mas a realidade nem sempre salta aos olhos. Pode-se comparar a magia com uma energia focalizada por uma lente, tal qual se faz um feixe de raios convergir, por exemplo, para operar a fissão dos núcleos atômicos e assim liberar um enorme potencial energético. O mago misterioso das antigas narrativas concentrava uma certa energia para operar seus prodígios. Seus colegas modernos, cientistas ou ocultistas, fazem o mesmo, mas é somente com o auxílio de aparelhos sofisticados que é possível seguir e medir suas experiências. Por exemplo: dizem que de Stonehenge ou da pirâmide de Gizé “emanam” maravilhosas vibrações. Ou ainda, que existem pessoas que “irradiam” algo de muito especial.

Com um pouco de sensibilidade, é possível perceber tais correntes de força, como também manipulá-las com treinamento. Como essas forças pertencem à natureza perecível, o ser humano pode evocá-las e chegar a utilizá-las cultivando certas capacidades. Muitos o fizeram, mas os resultados nem sempre corresponderam a suas expectativas. A vida do Dr. Fausto, por exemplo, testemunha disso, e sua história mostra que se pode utilizar a magia de forma consciente e inconsciente. Fausto é inconsciente das conseqüências de muitas de suas manipulações, enquanto que seu companheiro, Mefistófeles, sabe exatamente o que faz e por quê. Magia igual é empregada conscientemente, por exemplo, para colocar alguém sob sua dependência: para a multidão de pessoas inconscientes, os métodos são bastante simples; para as pessoas mais despertadas, é preciso usar de mais refinamento.

## ASPIRAÇÃO À VIDA SUPERIOR

Ao longo dos séculos, essas práticas criaram concentrações de força que aprisionam a humanidade e impedem seu desenvolvimento. Na Odisséia, o poeta grego Homero descreve de forma apaixonante como essa magia é exercida: após anos de venturas e aventuras, os companheiros de Ulisses desejam voltar para casa. Mas Circe, a maga, faz desaparecer esse desejo transformando-os em porcos, para que eles não possam mais encontrar seu caminho. Circe representa o prin-



cípio da magia mencionado acima: ela retira dos seres humanos suas aspirações elevadas e os liga à matéria. Eles são rebaixados à condição animal, na qual só prevalecem os instintos e os baixos apetites. No mito da Odisséia, os porcos não estão em estado de compreender a linguagem dos humanos, nem de se comunicar com eles.

Na nossa época, a velha encantadora Circe ainda está muito ativa por meio de todas as seduções que se oferecem ao homem moderno. Ela é essa força que, no presente, o desvia do verdadeiro objetivo da vida, mediante o poder que ela possui de tudo transformar e desnaturar. Com sua equipe de feiticeiros, ela suscita em suas vítimas tanta cobiça e tanta fatuidade,

que elas esquecem a finalidade de suas vidas. Ela se manifesta sob todo tipo de aparência; por exemplo, sob a aparência do tão rápido desenvolvimento da eletrônica, ou sob a aparência da mídia, que joga sobre a humanidade uma avalanche de informações. Ela dá aos humanos os supostos novos poderes e uma “nova” consciência, a qual ela estimula cada vez mais. Infelizmente, esses pretensos poderes só podem detectar e criar fenômenos terrestres – portanto perecíveis (com um ciclo de vida cada vez mais curto) – pois eles carecem da luz que pode guiá-los. A Circe moderna degrada os seres humanos e violenta o seu campo de existência. Assim, eles se tornam verdadeiramente sub-humanos e inca-

“Em cada nascimento de uma criança, o Grande Deus tenta restabelecer a unidade”. In *Simon*, Marianne Frederiksson, Ed. De Geus, 1985, foto Pentagrama.



pazes, ou quase, de reagir positivamente ao impulso divino que deseja libertá-los.

#### NEM OBSCURIDADE NEM MISTÉRIOS

Há certamente uma magia que deseja livrar o homem dessa maldição. Ela provém do campo de vida original e da força da Gnosis, sem ter nada de obscuro nem de misterioso. Ela se dirige à alma humana, e a sustenta com sua força para libertá-la da matéria. Ela não age por interesse, nem procura melhorar, embelezar ou fortalecer a personalidade: ela só deseja auxiliar a alma. Para tanto, ela se adapta, quando necessário, aos lugares e aos tempos – mas o fundo e a finalidade nunca mudam. Assim, ela forma um campo vibratório de um tão alto nível, que permite a ligação com a

natureza divina. Aqueles que foram chamados a nos preceder nesse caminho constituem o núcleo vivo desse campo de energia, que quer nos inspirar e nos renovar. Ora, quanto maior for o número de pesquisadores que reagem positivamente a essa mensagem, mais forte será o campo de energia e mais amplo será o seu poder. Em razão de suas características e de sua orientação para a natureza divina, esse campo de vida muito especial serve de canal pelo qual passam, de um lado, a voz da eternidade e, do outro, as respostas daqueles que se juntaram a esse campo de luz e dele vivem.

#### UMA PONTE SOBRE O ABISMO

Quando o poder de fogo desse campo é suficientemente intenso, ele cria um movimento em espiral. A

Ulisses manda que o amarrem ao mastro para não sucumbir à tentação. Baixo-relevo do século V a C., Museu arqueológico Volterra, Itália.

energia produzida se manifesta, por um lado, sob a forma de um chamado e de um toque, e por outro lado, sob a forma de uma purificação, de uma renovação e de um crescimento. Esta dupla atividade lança uma ponte temporária sobre o formidável abismo que separa o mortal do imortal. Ela é comparável à preparação para uma viagem. Assim, na mitologia grega, os argonautas construíram um barco especial, o Argo, feito com um material próprio para enfrentar a violência das ondas. Eles partem à procura do Tosão de Ouro, símbolo da nova veste da alma, veste indispensável para tornar a personalidade apta para vir a ser o instrumento da alma imortal. Todos aqueles que sobem a bordo de um barco são dependentes e responsáveis uns pelos outros. Juntos, eles conduzem o navio no seu curso; eles formam uma unidade, e têm uma só e mesma finalidade.

#### PERTENCER A UM GRUPO NÃO TEM NADA DE PASSIVO

É preciso não esquecer que, a bordo de um tal barco - imagem de um campo concentrado de energia regeneradora - é impossível manter-se passivo, pois de outra forma a qualidade requerida não poderia ser alcançada nem mantida. A energia divina aí empregada se retiraria e o barco, sem governo, seria levado ao sabor das ondas. A busca da vida imortal não se alicerça na passividade. É importante que aqueles que participam de um

campo de vida renovador tão específico sejam bem compenetrados de seu objetivo comum. Eles se dirigem para a meta de sua viagem, para o coração de sua comunidade. E eles permanecem juntos contra ventos e marés, pois, se sua embarcação alcança águas tumultuosas, sua arte de navegação é rudemente colocada à prova. “Solve et coagula”: dissolução e coagulação. “Dissolve o velho e concentra o novo”. Isso só é possível se a orientação dada for compreendida e seguida por todos. A maior parte dos abrolhos e dos entraves são os obstáculos do subconsciente, que aparecem em plena luz do dia e revelam aquilo que desvia do objetivo. “Solve et coagula” é a fórmula que ilustra o comportamento desperto e vigilante de um bom navegador orientado por Deus.

Grifo sobre uma  
lajota da abadia  
de Chertsey no  
Surrey, Inglaterra,  
século XIII.





# A REALEZA INTERIOR

*Simorg é o pássaro fabuloso das antigas narrativas do Oriente, símbolo brilhante do Príncipe que deve ressuscitar interiormente em todo ser humano.*

No conto *Conferência dos Pássaros*, o sufi Farid ud-Din Attar (1119-1233) relata como muitos pássaros partem à procura de um rei, e como sua busca os leva por sete vales, ao longo de uma exaustiva peregrinação mas somente trinta dentre eles chegam ao fim. O autor desse conto maravilhoso era originário de Nishapur, na Pérsia. Ele escreveu muitos textos líricos e épicos, a maioria datada do fim do século XII, que refletem sua busca e sua profunda aspiração de encontrar o segredo do amor divino. As obras desse místico mostram aos pesquisadores de todas as culturas que só a forma está ligada à época e à tradição, e não a essência. A ação que precede e que segue essa experiência autenticamente mística é o ponto central da obra de Attar. Pois é por um comportamento interior libertador que um novo desenvolvimento pode acontecer. A purificação que disso resulta dá acesso ao caminho que conduz ao reino divino interior.

A *Conferência dos Pássaros* começa no momento em que estes estão reunidos e exprimem o desejo de encontrar um rei. A poupa\* ocupa um lugar importante na discussão. Em muitas narrativas ela aparece como a enviada de confiança de Salomão junto à rainha de Sabá. *“Em seu peito, ela traz o símbolo do conhecimento espiritual; e, sobre sua cabeça, brilha a coroa da fé.”*

Ela é a mediadora que conhece a existência do rei e sabe aonde é preciso ir para procurá-lo. Ela declara que somente a Simorg, “que, na ilha da sublimidade, mora na cidade da magnanimidade”, é digna da realeza.

No coração dos pássaros nasce um grande desejo e todos querem partir à procura da Simorg. Mas surgem muitos pretextos para não fazer uma viagem tão perigosa. Então, a garça real afirma que não pode ficar sem o seu lago. Mas a poupa lhe responde: *“O lago é mutável e pouco fiel. Um dia, ele te engolirá”*. O pavão crê que só ele tem o desejo de retornar ao paraíso. A poupa replica que o senhor do paraíso é mais importante do que o paraíso. As sábias palavras da poupa acabam levando-os à decisão de se manterem em seu projeto inicial. É principalmente o amor dela que lhes dá a força para suplantar seus temores.

Assim reconfortados, os pássaros partem em viagem. Mas, surgem novas dúvidas quando eles vêm que, diante deles, no interminável caminho, não encontram nenhum ser vivo. Angústias ancestrais vêm à superfície. A poupa responde a um de seus companheiros de viagem, que tem medo de morrer, que a morte é seu destino: *“Tu nasceste para morrer!”* Um outro pergunta a que distância se encontra verdadeiramente o objetivo. Então, a poupa lhes relembra longamente os sete vales que é preciso atravessar.

Depois de muitos anos, só trinta pássaros conseguem alcançar a corte da Simorg. Eles pedem então para entrar e repousar, mas isso lhes é recusado. Desesperados, eles se sentem mais do que nunca próximos da morte. So-

A Simorg escuta a gralha que se dirige aos animais reunidos. Contos de Anwar-i-Suhayli atribuídos a Miskin, Mughal, Índia, 1610.



mente depois de prestarem contas do que fizeram durante sua vida é que são absolvidos. Por fim, quando seu desejo se transmuta em não desejar, eles recebem uma nova força, e reconhecem que o pássaro Simorg representa verdadeiramente sua aspiração à Luz.

Então se lhes ensina que a realeza é semelhante a um claro espelho, e que aquele que sai desse espelho, se reconhece. Em seguida, eles desaparecem todos dentro do espelho. “*A sombra desaparece no sol e isso é o fim.*” Finalmente, eles entram na imutabilidade depois que tudo o que era antigo desapareceu. Eles se perdem para sempre na Simorg. Já não há viajantes, nem guias. Ao encontrar a Simorg, eles também se encontram a si mesmos, e o problema do eu e tu é resolvido.

O pesquisador da Verdade certamente reconhecerá algo do seu pró-

prio anelo na aventura desses trinta pássaros. A força propulsora nasce com a lembrança da vida original. Aos poucos, seu estado o inquieta. É como um fogo. A consciência experimenta que algo de estranho a este mundo a agita e a inquieta. Esta impressão está sempre presente, sejam as circunstâncias tristes ou alegres. É aí que começa a Conferência dos Pássaros. Após a euforia do início, instala-se o medo de que a viagem seja perigosa. A consciência limitada não pode fazer outra coisa senão trazer para o seu próprio nível o que se situa fora do seu alcance. Entretanto, fica alguma coisa de indefinível que assim como uma sombra, obscurece toda a alegria e jamais dá descanso.

Pássaros de todas as variedades, de cores e comportamentos diferentes, ilustram bem as inúmeras ilusões hu-

A Simorg é atacada pelo Dragão negro. Ilustração turca do século XVI.



manas, e principalmente a série de objeções, sua extensão e diversidade, em face da escolha que a personalidade deve fazer para se voltar ou não para a Luz. Nesse conto simbólico, esses problemas aparecem desde o início.

Os pássaros traduzem todas as características que são obstáculos no caminho da libertação interior: sentimento de indignidade, tendência à melancolia, jugo dos instintos naturais, desejo de posse, tentações e cobiças sempre novas e abandono às emoções sucessivas. Todas essas fraquezas surgem a cada instante, se atropelam por detrás de tudo e querem subsistir e dominar. E o doce chamado que vem do fundo do coração e incita à auto-análise e à reflexão fica completamente sufocado. Essa é a razão pela qual muitos pássaros se perdem durante a penosa viagem através dos sete vales.

Um deles acredita que alcançou o estado da perfeição com exercícios e se recusa a mudar de opinião. A poupa o repreende severamente e lhe explica que sua pretensão não pode fazê-lo progredir. Ela afirma que o caminho que conduz ao Criador não é para aqueles que são aparentemente perfeitos, mas para aqueles que reconhecem sua imperfeição. A pergunta é a seguinte: o pesquisador está centrado em sua própria verdade ou na verdade divina? Será que censuras como as da poupa são um reconforto para ele? Será que ele vai continuar a se aperfeiçoar e a se cultivar negligenciando a verdadeira finalidade da vida? Aquele que se obstina em servir os interesses de seu eu em lugar dos interesses de sua alma, e quer alcançar alguma coisa precisa na vida antes de voltar-se para a Luz, está enganado. Ele sempre quer

atingir com seu eu um cume que é inacessível para ele! Orgulho e presunção o acompanham, e seu eu convive com prazer com esses dois incômodos parceiros. Mas somente a compreensão de que a escolha inicial é incorreta pode quebrar essa atitude forçada. Isto exige uma decisão; e, em seguida, sua realização. Somente assim é que o orgulho e a presunção se retiram para dar lugar às qualidades que abrem novas perspectivas.

“Bem” e “mal” são os dois pólos entre os quais a natureza dialética ímpia se mantém. Não se pode vencer o mundo - onde os contrários se alternam - tomando partido pelo pretense bem ou pelo pretense mal, a fim de forçar uma situação. Este mundo dos opostos oferece a possibilidade de descobrir essa realidade. Aquele que se dá conta de que esses aspectos contrários se mantêm mutuamente, e que portanto é impossível desembaraçar-se deles, reconhecerá que os conselhos da poupa são verdadeiros. E tirará proveito disso quando for à procura do rei interior. Este caminho conduz para fora de todos os aspectos contrários: ele representa uma mudança fundamental e total do ser.

“Devemos ainda percorrer sete vales. Ninguém sabe a que distância eles estão, e aqueles que neles chegaram jamais voltaram”, responde a poupa àqueles que perguntam se a meta ainda está longe. Para encontrar a verdadeira finalidade da vida, é preciso passar por experiências. Nessas condi-

*No estilo metafórico da língua persa, o papagaio frequentemente representa o pesquisador. Ele vive em uma gaiola onde se lhe apresenta um espelho para que ele aprenda a falar.*

ções, não é mais possível voltar atrás: a busca experimental está fora de questão. Estas não são apenas belas palavras: é preciso compreender que os poderes do eu são insuficientes para transpor os limites interiores. É isto o que a psicologia deveria aprender e ensinar!

A poupa explica cada um dos sete vales e sua particularidade. Assim, há o Vale da Busca, o do Amor, o do Conhecimento, o do Não Desejar, o da Unidade, o da Confusão e o do Desapego.

#### O VALE DA BUSCA

*“Quando desceres ao Vale da Busca, estarás sempre diante de novas alternativas. Lá, cada respiração é semelhante a milhares de possibilidades, e mesmo um corajoso papagaio pode tornar-se uma mosca! Durante anos, debes te esforçar ao máximo e fazer o teu máximo possível enquanto teu coração atravessa diferentes situações. Deves renunciar a toda posse e a todo poder. Teu caminho passa pelas profundezas de teu sangue e por tudo o que te é exterior. Uma vez que tenhas a certeza de nada mais possuíres, ainda terás que esvaziar teu coração de tudo o que ele contém. Se teu coração estiver finalmente ao abrigo da perdição, contemplarás a luz serena de sua majestade divina. E se a luz começar a se manifestar em teu espírito, tua aspiração espiritual se multiplicará mil e uma vezes.”*

#### O VALE DO AMOR

*“Depois aparece o Vale do Amor. Aquele que nele chega é mergulhado*

*no fogo porque neste vale não há nada além de fogo. Quem não puder agüentar esse banho de fogo não mais encontrará alegria. Ele é um amante, que é como fogo, e que, com o rosto ardente, se consome. Ele não hesita: joga seus cem mundos no fogo com alegria. Nesse caminho, não existe diferença entre o bem e o mal, pois aqui não existe nem bem, nem mal. O amor transcende os dois.”*

#### O VALE DO CONHECIMENTO

*“O peregrino vê aparecer agora o Vale do Conhecimento. Aqui, cada um segue um caminho diferente. O caminho de um nunca se parece com o caminho de outro. Aquele que segue o caminho do corpo não é o mesmo que trilha o caminho da alma. Mas para os dois, tanto o corpo quanto a alma, existe sempre, por causa de mau procedimento ou de virtude, uma porta que leva à elevação e uma porta que leva à perdição. E quando o sol do conhecimento brilha no firmamento do caminho mais elevado, cada um reconhece seu verdadeiro valor e seu coração se abre amplamente para a verdade”.*

#### O VALE DO NÃO-DESEJAR

*“Em seguida, vem o vale do Não Desejar. Aqui não há mais exigências e nada mais tem importância. Os sete oceanos voltam a ser uma simples poça. Os sete planetas não brilham mais que um débil clarão. As sete esferas do paraíso desaparecem aqui, e os sete infernos se cristalizam no gelo. Não importa o que façam ou deixem de fazer: nada de novo e nada de antigo tem qualquer poder”.*



#### O VALE DA UNIDADE

*“Então vem o Vale da Unidade, o domínio da completa solidão. Somente aqueles que vêm desse deserto têm na cabeça o mesmo turbante. Quer notes aqui agora muito ou pouco em número, é um, contudo, que está nesse caminho da unidade. Porque permanece sempre um em um, e é esse um o Uno, a unidade perfeita.”*

#### O VALE DA CONFUSÃO

*“Agora, é o Vale da Confusão, onde tudo é fonte de dor e tristeza. Aqui, cada respiração é como uma espada cortante, e cada batimento de pálpebras é só suspiro e gemido. Os suspiros e as dores são como um fogo. Não se distingue o dia da noite. O sangue escorre, não da espada, mas de cada raiz de cabelo, e todos os lamentos são registrados. O fogo é como o gelo comparado ao peregrino que queima e se consome na sua dor. Ele é jogado na confusão e aí se encontra porque a confusão lhe fez perder o seu caminho. Aqui*

Unidos como um só corpo, os pássaros voam ao encontro da liberdade.  
Foto Pentagrama.

*aquele que possui a unidade absoluta inscrita na alma perde tudo, e também a si mesmo.”*

#### O VALE DO DESAPEGO

*“Finalmente, surge o Vale do Desapego. Quem poderia descrevê-lo? Ele se caracteriza pelo esquecimento, o silêncio, a surdez e a inconsciência. Basta um único raio de sol espiritual e vês desaparecer todas as sombras ao redor de ti. Quando o oceano do infinito eleva suas ondas, como podem se manter as formas que aparecem na superfície? Os dois mundos já não são nada além das formas que tu vês na superfície do oceano. Quem duvidar é vítima de alucinações. Aquele cujo coração se perde nesse oceano está perdido como nunca e aí repousa em paz...”*

#### A CORTE DO REI

Como se pode perceber pela história, a maior parte dos pássaros sente medo com a descrição dos sete vales. Finalmente, trinta alcançam a meta. Mas quando o guardião do palácio os repele, priva-os de suas últimas forças e de sua última esperança. Não obstante, é-lhes apresentado um texto onde estão anotados todos os atos de suas vidas e eles demonstram arrependimento. Então, o pássaro Simorg perdoa-lhes as faltas. Em outras palavras: no fim do caminho, eles encontram seu verdadeiro ser.

*“O brilho do sol do rei é como um espelho. Aquele que se olha nele vê sua alma e seu corpo. Ele se vê por inteiro.”*

Muitos aspectos do caminho seguido pelos trinta pássaros são familiares ao pesquisador da verdade. Alcançar a Simorg não é uma atividade do eu, mesmo que seja através do eu que o

caminho comece. Quando ele se dá conta de que sua mais elevada aspiração acaba se tornando uma decepção, pode abandonar o lugar que outorgou para si durante milênios. Farid ud-Din Attar fala sobre o desapego, que implica na remissão de todos os pecados.

Mas por que apenas trinta pássaros alcançam a meta? O número trinta representa os três nascimentos pelos quais o peregrino deve passar: a fase preparatória, a fase da nova vida e a fase do retorno. O zero indica que a fase foi cumprida. Em outras palavras: a fase anterior deve ser levada a um bom fim para que a fase seguinte possa começar.

*“Ele viu um novo céu e uma nova terra,” diz o Apocalipse. Eles entraram “no que é permanente, depois que todo o antigo desapareceu”.*

\* pássaro semelhante à pega (pássaro europeu)

# A HISTÓRIA DO PUBLICANO ZAQUEU

*Cada um dos quatro evangelhos do Novo Testamento se dirige a um grupo de pessoas em particular. Suas formas de expressão e seus estilos são muito diferentes. As parábolas e os milagres de Jesus são apresentados de forma objetiva e sucinta. Eles devem despertar a compreensão, impelir à reflexão e, com isso, à necessária reorientação da consciência.*

É totalmente diferente do que acontece com outras narrativas que, como uma luz reconfortante, tocam espontaneamente o coração. Trata-se dos encontros de Jesus com certas personagens que dão a impressão de estar contando elas mesmas suas experiências de um reencontro interior com a Luz. É o que acontece com a narrativa do publicano Zaqueu relatada no Evangelho de Lucas, capítulo 19:

*“Jesus tendo entrado em Jericó atravessava a cidade. E eis que um homem rico, denominado Zaqueu, chefe dos publicanos, procurava ver quem era Jesus; mas ele não podia lá chegar devido à multidão, pois ele era de pouca estatura. Ele correu adiante e subiu num sicômoro para poder vê-lo, pois ele iria passar por lá. Quando Jesus chegou nesse lugar, ele ergueu os olhos e lhe disse: Zaqueu, apressa-te a descer; pois é preciso que eu permaneça hoje em tua casa. Zaqueu apressou-se a descer, e o recebeu com alegria. Vendo isso, todos murmuravam e diziam: ele foi abrigar-se em casa de um pecador. Mas Zaqueu, pondo-se*

*diante do Senhor, lhe disse: Eis aqui, Senhor, eu dou aos pobres a metade dos meus bens, e se tenho feito algo de errado a alguém, eu lhe dou o quádruplo. Jesus lhe disse: a salvação entrou hoje nesta casa, porque este aqui é também um filho de Abraão. Pois o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido.”*

Por mais que tenhamos freqüentemente essa impressão, nada acontece por acaso. As ações são reflexos exteriores de processos que já foram realizados interiormente e em segredo. É da natureza humana julgar rapidamente outrem pela aparência. Mas como podemos saber o que se passa no seu interior? Por exemplo, em que ponto no processo de purificação da cabeça e do coração ele está? Certamente a história de Zaqueu tem um significado oculto muito profundo, contendo informações importantes para o pesquisador da única Verdade.

Zaqueu é chefe dos publicanos, portanto, a serviço da força de ocupação romana: é um homem afortunado, munido de uma certa autoridade. Ele quer ver Jesus, o curador milagroso, e para isso ele sobe numa árvore. Por curiosidade? Pela sensação? Jesus o vê e diz: “Apressa-te a descer, pois é preciso que eu me aloje hoje em tua casa.” Zaqueu desce rapidamente e, cheio de alegria, o leva para sua casa.

Por que esse homem rico e poderoso é privilegiado dessa maneira? Ele só se ocupa de dinheiro o dia todo, não é então o oposto de um homem piedoso e devoto? Por que ele quer ver Jesus? E por que ele fica tão entusiasmado quando Jesus o chama? Porque nele queima o desejo secreto, doloroso



so, ardente, pelo verdadeiro Deus onipresente; não um Deus cristalizado na tradição, mas Deus, o sopro vivo do universo. A pessoa que conhece esse desejo busca-o fora de todas as tradições e doutrinas. Quanto maior é seu desejo ardente, mais forte é o impulso para descobri-lo. Sem prestar a menor atenção à assistência, Zaquieu ouve a voz de sua alma e vai em direção a Jesus. É a voz da alma que lhe fala: a quem ele dá ouvidos, e que o estimula. Ele triunfa sobre seu eu. *“Eu te chamo pelo teu nome. Tu és meu, diz o Senhor.”* (citação de Isaías, 43:1). A luz do Filho que procede do Pai penetra o coração de Zaquieu.

Zaquieu diz que dará o quádruplo para a pessoa a quem ele tenha prejudicado. O número quatro representa o dever de romper a ilusão e a impostura, por meio da auto-franco-maçonaria. O fundamento da transfiguração é quádruplo: a orientação única sobre o novo objetivo de vida, o esforço para atingir esse objetivo na não-luta, a unidade de todos aqueles que têm a mesma aspiração, e, em quarto lugar, a harmonia perfeita em todas as atividades que devem conduzir a esse objetivo. Em todos os tempos, essas quatro noções foram dadas àqueles que querem realizar o caminho da libertação

interior. Também em nossos dias elas são dadas e explicadas pela Jovem Fraternidade Gnóstica na Escola da Rosacruz Áurea. Na terminologia do nosso tempo, elas desvelam o mistério da “porta estreita” que pode se abrir para cada um, e do “caminho apertado” (Mateus, 7:14) que podemos percorrer em alegria e reconhecimento.

Quanta discórdia, ódio, perseguições e guerras sangrentas não são provocados por aqueles que pensam possuir o único e verdadeiro Deus! Mas Deus é indivisível. Sua luz brilha para cada um, independente de raça, cor, língua ou classe social. Por ocasião do nascimento da humanidade, o ser humano recebeu o amor divino como uma semente em seu coração. É por isso que Jesus responde assim à pergunta - *“Quem pretendes ser?”* - que os judeus lhe fazem: *“Em verdade, antes que Abraão fosse, eu sou.”* (João 8: 53 e 58). O ensinamento gnóstico universal da Rosacruz Áurea mostra o caminho pelo qual é possível descobrir o amor divino, e como libertá-lo da sujeição a uma interpretação histórica das mais contestáveis. É uma experiência que nós desejamos repartir com todos os outros pesquisadores.

O rebanho procura proteção junto ao pastor.  
Foto Pentagrama.

# A MÔNADA E A UNIDADE

*O que denominamos tempos modernos começou na Renascença. A imagem religiosa, cósmica, social e econômica do mundo, que se tinha na Idade Média, foi então totalmente alterada. Os que inauguraram este novo período voltaram-se para um passado longínquo, para raízes antigas, pois o novo mundo deveria estar fundamentado sobre uma herança original e pura.*

Os conceitos da Grécia e do Egito antigos vieram em resposta ao desejo de romper a sujeição à Igreja, à divisão de classes e à ciência submissa à ideologia. Antes, só se encontrava a unidade sob as asas da Igreja. A partir daí, surgiu a idéia central de uma nova unidade, para determinar a base e a construção de conceitos como os de Estado, de pesquisa científica e de arte.

Podemos marcar o começo da Renascença com a descoberta da América, em 1492.

Este acontecimento dá a entender claramente que os homens desse tempo aspiravam a descobrir novos espaços terrestres e espirituais. A rejeição da idéia imposta pela Igreja, de que a Terra estava no centro do sistema solar, teve um papel de primeiro plano. Segundo as concepções medievais, a Terra era um disco que a Igreja colocava no centro do universo. O sábio polonês Copérnico destruiu essa imagem, apresentando o sistema heliocêntrico após ter concluído, a partir de suas observações, que a Terra e os pla-

netas giravam em volta do sol.

A velha unidade foi rompida. Na Idade Média, o corpo, a matéria e a natureza tinham um papel inferior: eles não eram assuntos de pesquisa, e a unidade inviolável encontrava-se em Deus. E será que o homem teria realmente a necessidade de submeter a exame as criaturas de Deus? Este ponto de vista mudou totalmente desde o início da nova época: foi preciso, pelo contrário, desvendar todos os mistérios, como também reconhecer e utilizar as forças divinas. O foco foi colocado no homem enquanto criatura. Deus, o Todo, não mais se escondia apenas na criação, mas também no homem, o indivíduo. “*O que está embaixo é como o que está em cima*”, tal era o axioma do sábio egípcio Hermes Trismegisto. Naquilo que é pequeno encontra-se o que é grande.

## O SER DIVINO SE MANIFESTA EM NÚMERO E FORMA

O termo grego para unidade é “monas”. Segundo o matemático e filósofo Euclides (século IV a.C.), a mônada é o fundamento essencial e indivisível de tudo. No século XVI, Giordano Bruno retomou essa idéia, procurando mostrar que o divino se manifesta em toda forma aparente, e para isso apoiou-se na aritmética e na geometria de Pitágoras. Segundo este último, toda forma geométrica tem seu próprio número e seu próprio conteúdo, que derivam da imagem original. O Ser divino se manifesta pelo número e pela forma.



Em seu tratado *Da Mônada*, o número e a figura, Giordano Bruno escreveu: “O um é o centro do microcosmo, o coração. Dele emanam os espíritos vitais que se propagam em todo o ser. A árvore da vida universal é atada a ele e enraizada nele; e sua força protetora e conservadora faz com que os espíritos retornem a ele. Ele é o centro único de toda e qualquer figura e de cada propriedade. Encontramos e reconhecemos a mônada em cada todo composto. A força total da unidade é eterna e infinita; estável e perpétua em sua simplicidade. Ela se multiplica por unificação e diminui por dispersão. Assim, todas as coisas compostas e coordenadas estão em relação com o círculo, o centro indivisível, e seus poderes – a mônada indivisível”. Aqui, Bruno mostra que a idéia divina, o infinito, manifesta-se por um círculo ou esfera. O número 10 é o seu símbolo: o 1 é a unidade, o 0 é o círculo ou esfera. Na

As mônadas como núcleos de novas formas de manifestação. Ilustração Pentagrama).

época de Bruno, tais considerações eram taxadas de heresia.

Os pesquisadores pensavam que a unidade podia ser demonstrada não somente por símbolos, mas também por experiências. Segundo os alquimistas, o ouro era o metal mais nobre, a cristalização da força solar: os metais nasciam nas entranhas obscuras da Terra, sob a influência dos sete planetas. A partir dessas concepções, eles se esforçavam em transmutar os vis metais em ouro. A alquimia e a astrologia estavam estreitamente associadas. A astrologia, como ainda acontece, explicava a natureza do zodíaco e dos planetas; a alquimia, o princípio dos elementos e dos metais. Elas estavam em relação mútua, como o céu e a terra. Na Tábua Esmeraldina do Antigo Egito, Hermes Trismegisto diz: “O que é embaixo é como o que é em cima”

Um dos alquimistas mais célebres dessa época foi o inglês John Dee. Por meio de noções alquímicas e astrológicas, assim como do simbolismo dos números provenientes da cabala, ele compôs uma figura que denominou “mônada hieroglífica”, símbolo da unidade das atividades divinas nos fenômenos da natureza. “O círculo não pode ser traçado sem a linha reta, nem a linha reta sem o ponto”.

Portanto, tudo provém de um só ponto: a mônada. Aquele que o desejar, poderá liberar essas forças por uma justa compreensão e uma justa atitude.

#### A MÔNADA DE LEIBNIZ

O pesquisador alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) edificou

um sistema filosófico a partir da idéia de “mônada”. Segundo ele, as mônadas são substâncias indivisíveis, não físicas, que podem evoluir. Elas são criadas por Deus para se manifestar em corpos, e estão na origem das diversas formas de vida. Embora essas substâncias apareçam em uma grande diversidade, elas constituem um conjunto que também manifesta uma forma vital. Leibniz refere-se a isso como a harmonia “praestabilita” (superior): em outras palavras, que Deus criou as mônadas, assim como as formas vitais, de tal sorte que elas se harmonizam de forma precisa umas com as outras seguindo suas próprias leis. *“Portanto, só Deus é a unidade original, ou a substância original simples. Todas as criaturas ou mônadas derivam dele. Poderíamos dizer que elas nascem, de instante a instante, por meio de clarões que emanam da divindade. A extensão de seu poder de assimilação determina os limites adaptados à sua criação. Deus é o poder que é a fonte de tudo. Ao lado disso, existe o conhecimento inerente à idéia. E, por fim, existe a vontade que muda e gera um poder maior. Cada mundo tem o direito de aspirar à perfeição que lhe é intrínseca. Esta é a base, a melhor, que a sabedoria de Deus reconhece: deixar-se guiar por Sua Bondade e d’Ele receber Seu Poder”*. O que resulta do



século XX, um século muito violento, esclarece bem o ensinamento de Leibniz. A “harmonia superior” não teve a oportunidade de melhorar a sociedade humana porque ela ainda não pôde se manifestar.

Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), filósofo, matemático, físico e fundador da Academia de Ciências da Prússia.

#### A UNIDADE COMO UM IDEAL

É notável que os homens se esforçam continuamente para criar a unidade e a harmonia entre os povos, mas no fim eles não parecem estar em condições nem de estabelecer uma paz durável. Esta paz só é possível em ligação e em unidade com Deus, e isso está muito além da personalidade humana comum. Leibniz afirma uma idéia semelhante.

Segundo ele, a mônada age de forma que o ser humano, na prisão de seu eu, não cessa de aspirar à unidade, à harmonia, à paz em Deus. Mas, por falta de conhecimento e de compreensão, ele só cria imitações, e só consegue chegar a uma unidade, uma harmonia e uma paz fugidias – ou melhor dizendo: à divisão, ao caos e à guerra.

Essa aspiração à unidade deixou traços evidentes na história da humanidade. As ditaduras se transformam sistematicamente em democracias; países se unem, como alguns estados da América, da Rússia ou da Europa.

Página de títulos da *Monas Hieroglyphica* de John Dee, 1583.

Chegada ao ponto final. Baixo relevo de um batente de porta do grande stupa de Bharut, Índia, século II a C.

O desejo de condições sociais melhores, de paz, de justiça, de saúde e de felicidade para todos, é reconhecido por muitos países grandes e pequenos. É principalmente o humanismo, ideal da Renascença, manifesta-se muito fortemente.

#### O CHAMADO DA MÔNADA

O ensinamento da Rosacruz Áurea atual unifica as contradições aparentes da doutrina das mônadas. Trata-se de duas naturezas presentes no homem. A mônada é descrita como uma criação ou energia proveniente da natureza divina, revestida de uma forma corporal na matéria. Portanto, é a forma espiritual original do homem divino manifestando-se na substância original. *“A mônada é a centelha divina, a força divina manifestada no homem. É a força do início, aquela que desde o princípio adquiriu uma forma em nosso microcosmo. Essa força poderosa pode pois intervir se a força criadora for purificada e liberada inteiramente para a finalidade superior. Portanto, a força criadora será purificada se for inteiramente subordinada à mônada, sem que seja empregada para outras finalidades, sejam quais forem.”* O homem vive num mundo que está afastado da perfeição divina. É o mundo formado pelo eu, e que não pode ser percebido a não ser de forma sensorial pelo homem alicerçado no eu. Pelo instinto de conservação, pelo medo, pelo sofrimento e pelos conflitos daí decorrentes, o eu imprime na vida a sua marca, e assim dá forma às forças antidivinas. Do ponto de vista

da Rosacruz Áurea, a mônada chama o ser humano sem cessar de forma consciente, e lhe dá a força de retornar à sua origem. Essa atividade espiritual se manifesta no coração do microcosmo, no coração da personalidade. Um átomo contém em si o plano de seu desenvolvimento superior completo. Esse plano começa fazendo com que o ser centrado no eu se torne um pesquisador, pois este ouve um eco ressoar dentro dele: o eco do chamado que provém de seu coração. Então ele compreende qual é a sua verdadeira situação, e logo está pronto a ceder lugar para a nova Alma, que agora é necessária para ele avançar.

#### O “HEGEMONIKON” DE ORÍGENES

Esses conceitos também aparecem no cristianismo original. Orígenes, um dos Pais da Igreja sempre contestado, emprega para esse efeito o conceito grego do “hegemonikon”: o princípio diretor. Em seus comentários sobre o Evangelho de João, ele escreveu: *“O centro do corpo é o coração, e no coração está o princípio diretor. Refleti: será que a palavra ‘no meio de vós há alguém que não conheceis’ (João 1:26) não faz alusão ao Logos que está em cada ser humano? (...) Se damos lugar, não ao mal, mas a Deus, Deus semeia suas sementes em nosso princípio diretor.(...) Cristo aparece para os perfeitos, e ilumina seu princípio diretor até a compreensão infalível de todas as coisas.”* A unidade não saberia encontrar-se em circunstâncias exteriores, pois ela está exclusivamente no Ser interior. É a garantia divina

de que o homem é guiado, e que lhe é dada a energia necessária para a sua transformação.

“IRMÃOS SOB O SOL, IRMÃOS NA LIBERDADE!”

Este não é um grito de luta de classes mas aquele do recuo do eu diante da nova Alma. Infelizmente, o ser humano começa sempre por se iludir, antes de poder verdadeiramente fazer meia volta e dizer: “Senhor, o que queres que eu faça?” Ora, é somente nesse momento que lhe é possível superar conflitos e lutas. É então que a primeira tarefa da personalidade se torna evidente: ela se abre conscientemente para a atividade da mônada, o sol espiritual microcômico, e, sob sua luz, a semente espiritual germina e dá nascimento ao homem divino.



Fontes: Giordano Bruno, Burckhardt, John Dee, Wilhelm Kelber, Gottfried Wilhelm Leibniz, Jan van Rijckenborgh.

# “TRANSCENDE O TEMPO, TORNA-TE ETERNIDADE”

“*Um cometa rasga os céus da Europa*” (Hegel)

*Giordano Bruno (1548-1600) teve apenas dezesseis anos para escrever. Entretanto, esse curto lapso de tempo lhe permitiu combater a idéia de que o mundo estava encerrado em esferas de cristal, como se acreditava na Idade Média; ele descreveu um universo infinito, cheio de vida.*

Giordano Bruno viveu após Copérnico (1473-1543), autor de um texto pioneiro: *De revolutionibus orbium coelestium* (Da órbita dos corpos celestes), onde demonstra que a terra gira ao redor do Sol, apesar de continuar se mantendo na idéia das estrelas fixas incrustadas nas esferas de cristal. Para ele, o sol é o centro do universo infinito, referindo-se com isso a Hermes Trismegisto. Sua argumentação é pura matemática. Apesar do que seus sentidos percebem, seu impulso interior o leva a seguir o pensamento já conhecido na antiguidade. Pois, como Giordano Bruno, Copérnico também sentiu a influência dos escritos herméticos ressurgidos em sua época. Mas Bruno vai mais longe. Em seus diálogos filosóficos, ele mostra que o universo deve ser infinito, e liberta assim, tanto o espírito humano quanto a ciência, do apertado jugo que os sufocava. No entanto, é preciso dizer que por “ciência” ele entendia algo muito diferente daquilo que essa palavra significa para nós hoje em dia.

Animado por um grande fogo espiritual, Giordano Bruno reconheceu a Luz divina e devotou sua vida a uma grandiosa tentativa: mostrar o universo ilimitado como um organismo

vivo. Fazendo isso, ele ultrapassou amplamente as idéias de seu tempo, e por esse motivo não encontrou compreensão nem repouso em nenhum lugar. Em 1600, foi condenado por Roma a subir na fogueira. Ao ouvir a sentença, ele lançou aos cardeais reunidos: “*Vós pronunciais vossa sentença com mais medo do que eu a recebo!*”

COMBATE ININTERRUPTO PARA  
CHEGAR À CONSCIÊNCIA SUPERIOR

Filippo Giordano Bruno nasceu em 1548 em Nola, uma pequena localidade do Golfo de Nápoles, perto do Vesúvio. O vigoroso vulcão é verdadeiramente o símbolo do jorrar impetuoso de suas idéias e palavras, resultado de seu combate ininterrupto para chegar à consciência superior. A força de suas obras não foi reconhecida em seu tempo, e, hoje, a amplitude de seu pensamento ainda não penetrou nos espíritos. Tanto é que a filosofia e a ciência seguem um outro rumo, diferente daquele que ele indicou: elas preferiram separar-se a unir-se. Ao conceito de “renascimento interior” deu-se o sentido de renascimento da cultura exterior: riqueza, beleza e magnificência continuam seduzindo o homem atual e, para o pesquisador da verdade, ainda oferecem muitas investigações cativantes.

ACUSAÇÃO COM 130 ITENS

Na idade de dezessete anos, Giordano Bruno entrou para a ordem dos

Dominicanos, ordem que havia combatido os “hereges” três séculos antes. Um ano depois, ele recusou a idéia de um Deus e de um Cristo personalizados, e se pôs a estudar Hermes Trismegisto, a filosofia grega, os Pais da Igreja, os neoplatônicos, os pensadores árabes e, principalmente, as obras do místico Nicolas de Cuse (1401-1464). Foi também muito influenciado pelo filósofo alemão Agrippa von Nettesheim (1486-1535). Quando, dez anos mais tarde, os Dominicanos trazem a juri uma acusação contra ele com 130 itens, ele abandona a ordem e rompe com a Igreja. Durante 16 anos, viaja pela Itália, Suíça, França, Inglaterra e Alemanha, para ser finalmente preso em Veneza pela inquisição. Passa então sete anos na prisão, onde sofre interrogatório e tortura.

Os cientistas continuam não podendo sondar toda a profundidade de suas idéias. Para alguns ele é irritante; para muitos outros, digno de zombaria. Geralmente, seus escritos se apresentam sob a forma de diálogos sobre assuntos filosóficos, científicos e esotéricos, mas ele também redigiu sátiras mordazes e poemas – estes últimos principalmente sobre o Amor e a vida superior.

Aos trinta anos, sua inteligência recebeu uma “santa iluminação”, como ele escreve: “O homem arrebatado pelo Espírito que aqui fala sabe que teve de perseverar por trinta anos, e no curso desses anos ainda não alcançou a pureza da percepção interior, que o teria colocado em condições de ser a salvação desses estrangeiros, que batem e se apresentam sempre na porta da compreensão. No fim, porém, desceu o amor, que o havia em vão tocado um certo número de vezes de diversos lados... e desta vez sob a forma de uma “santa iluminação”, que lhe mostrou a beleza divina graças a duas entidades racionais: a Verdade

*ligada à inteligência, e o Bem que desperta o sentimento. Assim foram vencidos os desejos materiais e sensoriais, que antes triunfavam porque se mantinham irredutíveis, apesar da superioridade da alma. Agora, esses raios que, através de sua compreensão iluminada e sábia, foram enviados pelo sol de sua percepção interior, entram facilmente pelos seus olhos: a Verdade, pela porta da Consciência, e o Bem, pela porta do Anseio do coração, isto é, eles penetram até o mais profundo do sentir. Logo que ele foi assim primeiro acalentado e no espírito foi assim iluminado, ele chegou àquele seu momento sobre o qual se pode dizer: “vincit instans” (o instante vence).”*

Busto de  
Giordano Bruno.





“PRISIONEIRO DO CÁRCERE DO CORPO”

Na mesma obra, Bruno descreveu o filósofo tomado pelo amor divino, “prisioneiro do cárcere do corpo” e submisso às “ciladas dos sentidos”, que busca a luz divina e a unidade absoluta. Ele só poderá transpor o limite se, de caçador, se transformar em caça: quando, na luz inesperada da bondade e da magnificência divina, ele se arranca dos erros e ilusões do mundo aparente. Para conseguir isso, é preciso seguir um caminho de purificação. No livro *Desaparecimento da besta vencida*, ele explica isso de forma metafórica: Zeus, o pai dos deuses, convoca uma assembléia que visa a renovação do céu. “*Zeus é a alma, o espírito do homem que se vê colocado no fluxo eternamente cambiante da matéria. Ao mesmo tempo, ele é considerado o mestre e a força motriz dos céus, o que dá a entender que em cada homem, em cada indivíduo, existe um mundo interior, um microcosmo, onde Zeus, o mestre, é a luz da vontade inteligente, que dirige, reina e determina o lugar e a hierarquia dos vícios e das virtudes.*” A besta triunfante representa os vícios que dominam e espezinham a parte divina. Zeus declara aos deuses, as forças da alma:

“*Expurguemo-nos, purifiquemo-nos, eu digo, conforme o céu invisível, que existe espiritualmente em nós, e que também se estende visivelmente, fisicamente, diante de nossos olhos!*”

O que resulta disso para a personalidade? Uma personalidade superior dotada de uma nova consciência, cujo centro é o sol espiritual: Apolo. O *Corpus Hermeticum* influenciou fortemente Giordano Bruno: No quarto livro, *O discurso secreto sobre a montanha*, Hermes evoca as dez forças boas que afastam os doze vícios fundamentais.

“O PRIMEIRO FOGO FOI APENAS UMA PEQUENA SEMENTE”

Bruno descreve a elevação da alma da mesma forma que o fazem Ficino e os mistérios herméticos. Todas as suas obras testemunham que ele foi tocado pela Luz e apanhado por ela, como também do conhecimento interior que disso resulta. Com isso, ele se dá conta de que, na qualidade de homem terrestre, ele pode apenas se aproximar da verdade, e que ela jamais pode se revelar a ele completamente. Em todas as suas colocações, ele só fala dessa aproximação e de sua própria imperfeição. Jacob Boehme (1575-1624) mostra ter tido as mesmas experiências, e suas palavras são semelhantes às de Bruno: “*O primeiro fogo foi apenas uma pequena semente e não uma luz duradoura. Com o passar do tempo, um vento frio soprou muito, mas a vontade jamais se apagou.*” O toque da Luz vem em seguida, quando a força recebida é empregada para a auto-transformação, em um combate incessante! É somente assim que se pode desenvolver interiormente a forma-luz. Muitas vezes os “furores

“A Giordano Bruno, que foi queimado vivo em consequência da intolerância religiosa. A sociedade democrática de Dovadola lembra que uma vida em comum harmoniosa é a base da liberdade de pensar. Agosto 1909.”  
Dovadola, Itália.

Estátua sobre o local onde Giordano Bruno foi queimado. Campo di Fiori, Roma.

heróicos” do coração de Giordano Bruno são acompanhados por uma enorme paixão de seu ser terrestre. Entretanto, o ponto de partida de sua pesquisa é sempre espiritual: é a partir dele que ele explica as atividades da alma e da matéria. *“Pois aquele que não compreende o único, nada compreende; e aquele que compreende verdadeiramente o único compreende tudo. Pois a compreensão universal também se aproxima daquele que se aproxima do conhecimento do único”*. O espírito dos primeiros gnósticos vive na obra de Giordano Bruno.

Enquanto a ciência, a filosofia e a religião se afastavam de sua fonte espiritual para seguir cada uma seu próprio caminho, Bruno permanecia fixado nessa fonte que as havia ligado umas às outras. Ele escreveu: *“A sabedoria divina tem três moradas: uma morada imaterial, eterna, sim, a própria morada da eternidade; uma segunda morada, o universo visível enquanto primogênito; e a última nascida, a morada da alma humana.”*

Ele via a inteligência divina que se expandiu na matéria como sendo a origem da vida: o Logos que determina todas as formas. Aquele que alcança a compreensão da unidade do Logos também pode se tornar consciente de sua própria origem, o absoluto, onde o ser teve sua raiz: ele se lembra de sua fonte e dela obtém o conhecimento interior.

TUDO ABRANGER EM UMA  
TRÍPLICE VISÃO

Segundo Bruno, o órgão superior da percepção interior é *“o espírito que ultrapassa todo entendimento, toda compreensão racional; que abrange tudo em uma tríplice visão”*. Sob sua

influência, Giordano Bruno considera que as almas humanas são mônadas, unidades originais determinadas pelas leis da natureza. Sua única particularidade é sua indivisibilidade intrínseca. *“Essa substância, fonte de todas as substâncias, esse fundamento do ser, pelo qual existe também a criação, é denominada mônada.”* As inumeráveis mônadas representam a unidade da alma do mundo, a mônada de todas as mônadas. As mônadas são os instrumentos por



meio dos quais a divindade cria e produz sempre novas formas. É dela que tudo recebe vida e animação. Há “*apenas um campo incomensurável, um só espaço coerente, que contém e carrega tudo em si, que penetra tudo. No interior, há incontáveis mundos, todos semelhantes ao nosso... De onde concluímos que não há apenas um mundo, apenas uma terra, apenas um sol, mas que há tantos mundos quantas são as estrelas luminosas que vemos acima de nós.*” E sobre o movimento dos astros, Giordano Bruno escreveu: “*Assim se move a terra e os outros astros, cada um no nível determinado por seu próprio princípio interior: sua alma.*”

#### “A PROFUNDA COERÊNCIA INTERIOR DO MUNDO”

Goethe foi inspirado por Giordano Bruno quando escreveu estes versos:

*“A vida habita cada estrela.  
Elas gostam de seguir juntas  
O puro caminho escolhido por elas  
mesmas.”*

A vida e a obra de Giordano Bruno cativou Goethe de tal maneira que ele se inspirou nelas, sem dúvida, para descrever a luta conduzida por Fausto para alcançar a compreensão. Exatamente como Fausto, Bruno deseja sondar “a profunda coerência interior do mundo”. Sua visão grandiosa e universal constituiu um fio condutor para Goethe em sua pesquisa. Animado pelo mesmo espírito, o poeta americano Walt Whitman se expressa assim em *A song of the rolling earth*:

*“Pensavas que eram essas as palavras,  
essas linhas verticais? Essas curvas,  
ângulos, pontos?”*

*Não, não são essas as palavras,  
as palavras substanciais estão na  
terra e no mar,  
Elas estão no ar, elas estão em ti.”*

A respeito do caminho de experiências da alma, Bruno escreve: “*A mais alta justiça, que está acima e no interior de cada ser vivente, estipula que a alma, como consequência de desejos desordenados e pecaminosos, deva descer num corpo individual semelhante ao que ela deixou; ou num corpo ainda mais doloroso e ignóbil. E ela não deve esperar uma morada e uma vida melhores se não administrou bem a morada e a vida precedentes.*” Em 1584, com uma clareza desconhecida em seu tempo, ele expõe a reencarnação do microcosmo e representa essa idéia a partir de imagens: “*Como já foi dito, enquanto eu permaneci, como Pégaso, nas regiões celestes, muitas vezes me aconteceu de sentir grande desejo de tornar a descer às esferas inferiores... Anestesiado por um néctar e dirigido para a terra pelo destino, fui enviado novamente para me esfalfar, uma vez como filósofo, outras vezes como poeta, até mesmo como mestrescola. Então, voltava para minha morada celeste, depositava minhas experiências num livro, de tal sorte que, por fim, surgiu toda uma biblioteca, que eu deixava atrás de mim cada vez que ia morar algum tempo sobre a terra. São marcas dolorosas as lembranças terrestres de minha vida no tempo de Felipe da Macedônia (359-336 a. C.), sob o reinado de quem me encarnei, segundo se diz, com o nome de Nicômaco.”*

#### UM INSTRUMENTO QUE COLABORA COM A DIVINDADE NA CRIAÇÃO

*“A alma é como uma forma no interior de outra, como uma forma inte-*

*rior numa forma exterior. Tal como é, ela molda a forma exterior e seus membros. As formas interiores e exteriores são um todo. Logo, o corpo está na alma, a alma no espírito e o espírito em Deus.”* O homem – em particular a mônada, que é sua essência – é uma parte vivente no vir a ser cósmico. As mônadas cooperam com a criação (Goethe). A mônada que busca a harmonia com o absoluto abandona o circuito fechado dos nascimentos. Depois de ter feito desaparecer todos os opostos, a mônada é um instrumento que colabora com a divindade na criação.

O homem tem a tarefa de se purificar para se reunir com a unidade, para retornar à unidade. Segundo Bruno, a orientação interior é o único caminho para adquirirmos uma visão da Criação. Somente quando uma entidade se torna um Ser de Luz é que ela pode, como em um clarão, perceber a Luz divina sem ficar cega.

“O UNIVERSO É INFINITO”

Giordano Bruno demonstra a ligação que existe entre macrocosmo e microcosmo, e o dever que disso resulta para o homem. O despertar espiritual, do qual ele é o impulsor com muitos outros, e que só foi chamado de Renascimento no século XIX, também acarretou muitas descobertas científicas. Mas, com o passar do tempo, ciência e filosofia seguiram caminhos separados, e um profundo abismo as dividiu. No entanto, desde Einstein, muitos cientistas modernos estão à procura do que está subjacente em suas próprias descobertas.

Giordano Bruno lhes mostrou o denominador comum e aí deixou sua vida. Assim como ele descobriu que o



sol ocupava o centro do sistema solar e não a terra, o homem pode agora descobrir que carrega no coração um princípio solar espiritual, e que esse princípio constitui o verdadeiro centro do microcosmo. Se ele ceder o poder a esse núcleo espiritual em sua vida, a alma original reencontrará a capacidade de se desenvolver e de se unir à alma do mundo.

Esse caminho - é evidente - é o fundamento sobre o qual a ciência e o conhecimento espiritual podem se reencontrar. Aí se experimenta algo do absoluto, e vê-se como a matéria cristalizada está afastada disso. A partir dessa compreensão, Bruno considera o mundo um organismo vivente. Sem experimentações nem luneta, ele percebeu que a trajetória dos planetas é uma elipse, e que sua velocidade de revolução dependia de sua distância do sol. A partir daí ele indicou que por detrás de Saturno haviam de exis-

Prisioneiro do abraço de ferro do tempo.  
Foto Pentagrama

tir outros planetas. Realmente: Urano foi descoberto em 1781, Netuno em 1846 e Plutão em 1930. E a trajetória do décimo planeta só foi calculada nos anos 80s.

#### O COSMOS, UMA MECÂNICA SEM VIDA?

Depois de Francis Bacon, as ciências perderam a ligação com seu fundo espiritual. A abordagem matemática abstrata delas fez do cosmos uma mecânica sem vida. Mas aos poucos também ocorreram descobertas que indicam que a vida pode habitar outros corpos celestes. As observações feitas pelo telescópio de Hubble recuaram as fronteiras do universo ao infinito. Surgem novas teorias sobre seu nascimento e procura-se uma síntese espiritual.

Giordano Bruno descreveu sua personalidade como *“um joguete do destino, frágil na forma, uma extrema miséria, que não teve a graça de ter uma boa estrela, e foi alvo de um ódio grosseiro.”* Mas ele sabia que, dentro dele, havia despertado o ser solar. Por isso declarou, por ocasião de sua permanência em Londres: *“Quem ainda se preocupa com seu corpo simplesmente não pode me fazer crer que um dia tenha se unido a Deus. O homem verdadeiramente sábio e virtuoso é tão perfeitamente feliz que nem nota mais a dor.”*

#### “O FULGOR DE SUA FOGUEIRA FOI A AURORA DO MODERNO PENSAMENTO EUROPEU”

Por mais que ele soubesse do gran-

de risco que corria, em 1592 retornou para a Itália, bastião da inquisição. Convencido da imortalidade de seu ser mais profundo e de sua segurança no único, pôde enfim declarar, após sete anos de cativeiro, de interrogatórios e de torturas, com a cabeça erguida, que não se retrataria.

O décimo primeiro livro do *Corpus Hermeticum*, que ele tanto amava, descreve assim o princípio que o animava: *“Desenvolve-te para alcançar uma grandeza sem medida. Eleva-te acima de todos os corpos, transcende o tempo, torna-te eternidade. Então, compreenderás Deus. Compenetra-te da idéia de que nada é impossível. Considera-te imortal e em condições de compreender tudo: as artes, as ciências, a natureza de tudo o que vive. Sê mais alto do que todas as alturas, e mais profundo do que todas as profundezas... Então compreenderás Deus.”*

No ano em que Giordano Bruno foi queimado vivo, Jacob Boehme alcançava a inteligência espiritual. Em *Aurora* ou *Aurora Nascente*, ele diz que o fogo divino teve ainda o cuidado de fazer surgir um novo archote. Hoje, quase quatro séculos mais tarde, o archote brilha de novo, como um farol na noite escura. A aurora do renascimento interior surgiu e o Espírito de Deus busca aqueles que O buscam.

As citações foram extraídas de diversos trabalhos de Giordano Bruno, Jan van Rijckenborgh, Jacob Boehme, Francis Yates e Gerhard Wehr.

# “A EUROPA ESTÁ GRÁVIDA E DARÁ À LUZ UMA PODEROSA CRIANÇA” (FAMA FRATERNITATIS)

## *O mito de Europa como símbolo da missão espiritual*

*Uma visita ao palácio de Minos em Knossos, Creta, revela a extensão e a variedade de vestígios de um passado ainda mal conhecido. Segundo alguns arqueólogos, o palácio é o célebre labirinto. Dédalo, o arquiteto mítico do rei, mandou construir cerca de 1400 cômodos ao redor de um pátio central luminoso. É um imenso complexo de construções compostas de alguns andares, o que realmente faz pensar num labirinto. (ver Pentagrama n.5 de 1997 sobre os labirintos) A sala do trono e os apartamentos que restam refletem apenas levemente a grandeza da construção inicial.*

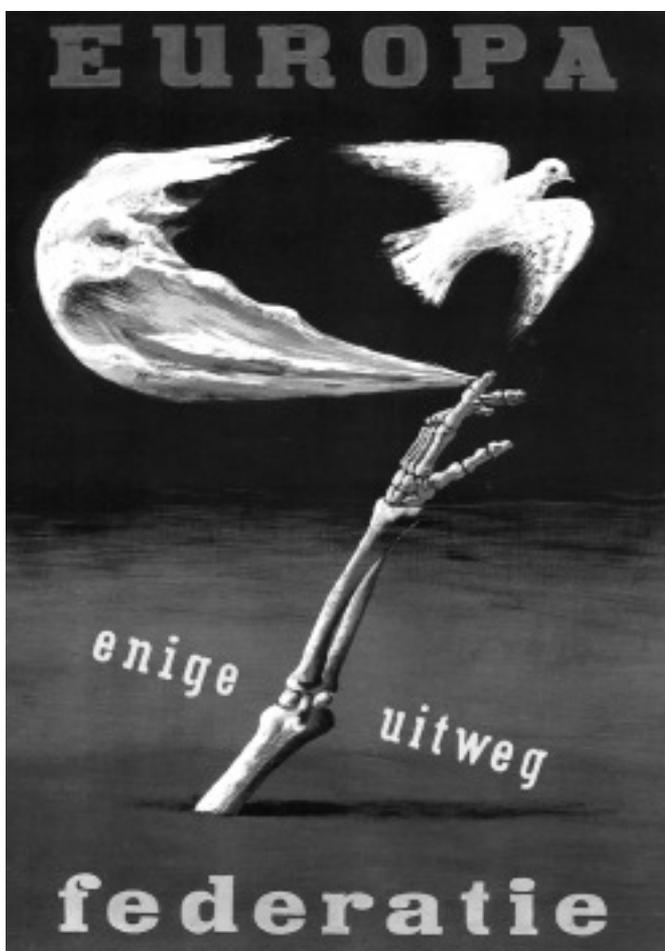
Após um exame profundo, o visitante não deixa de ter a impressão de que ali, sem dúvida, houve um templo iniciático, e que Minos era o nome dos mais altos iniciados. O período de grande espiritualidade que viu surgir essas construções durou mais ou menos até cerca de 1450 a.C. Em seguida, um maremoto aniquilou a civilização cretense. Por isso, as construções e objetos que restam são enigmas difíceis de serem resolvidos pelos especialistas, principalmente em consequência da abordagem científica, totalmente exterior, desse verdadeiro quebra-cabeça. O pano de fundo, espiritual no caso, fica fora de cogitação para facilitar, e porque é um dado indemonstrável. No entanto, o mito “Europa” pode auxiliar nossa compreensão. A Europa de nossos dias

*Sob esse ponto de vista, podemos considerar Poseidon como o criador da vida (a água) que guia a humanidade (Minos) rumo a uma nova evolução. Para esse fim, o touro (animal do período precedente) deve ser sacrificado a Zeus (representante dessa civilização) para que a nova evolução comece. Minos recebe bem esse impulso, mas ele o faz servir a seus poderes terrestres. Torna-se rei, mas como reagiu incorretamente ao dom da divindade, funda sua própria civilização na matéria. O touro se reproduziu (é a época colocada sob o signo zodiacal de Touro, que exerce sua influência e faz nascer sua própria civilização) e disso surgiu um ser metade homem, metade animal: um ser cujo subconsciente permanece na época de Touro e cuja cabeça e coração estão dirigidos para um novo desenvolvimento.*

parece estar ligada ao nosso estudo e pode nos dar um ponto de apoio. Se alguém contemplar a Europa, hoje, perguntar-se-á, sem dúvida, qual é sua missão no mundo e o que se espera dela.

### EUROPA SIGNIFICA “ENTARDECER”

A mitologia grega dá uma nítida imagem das qualidades de que era dotada a encantadora Europa, filha do rei da Fenícia. Segundo as narrativas, ela vivia numa região situada entre a



Mesopotâmia e o Egito. Na língua semítica, Europa significa “entardecer”, talvez por isso a Europa é designada também como o Ocidente, o país do poente. Enquanto a bela Europa brincava na praia com suas companheiras, surgiu Zeus, o deus supremo, soberano do Olimpo, que havia tomado a aparência de um touro de uma brancura deslumbrante. Deitou-se aos pés de Europa, e ela foi a única que teve a coragem de orná-lo com flores, o que fez nascer entre eles uma atmosfera de confiança. Após algum tempo, Europa montou sobre o lombo do touro e este atravessou o mar e a levou para a ilha de Creta. O mito relata que foi mesmo um rapto. Em Creta, o touro mostrou quem ele era. Transformou-se em águia e tomou Europa por esposa. Dessa

ligação nasceram três filhos, dos quais um foi Minos. No decorrer da luta pelo poder em Creta, Poseidon, deus do mar, ofereceu um magnífico touro a Minos. Seria Zeus sob a forma de um touro?

#### FUNDAÇÃO DE UMA CIVILIZAÇÃO AMBÍGUA

Minos tinha que sacrificar esse touro a Poseidon, para mostrar que assim estava recebendo seus direitos sobre Creta. Mas ele achou esse animal tão maravilhoso, que quis guardá-lo para si. Ele o colocou no seu rebanho, negligenciando assim a vontade de Poseidon. A história diz que Minos traiu Poseidon, tornou-se rei de Creta e fundou a civilização dita minóica. Então, o touro ficou vivo e engendrou um horrível monstro com cabeça de touro e corpo de homem: o Minotauro, que habitava no labirinto e inspirava grande terror.

O rei Minos aumentou seu poder até o continente e submeteu Atenas. Obrigou os atenienses a entregar, todos os anos, sete virgens e sete jovens para apaziguar a fome insaciável do Minotauro. Eles só foram libertos quando Teseu, com o auxílio de Ariadne, a filha de Minos, penetrou no labirinto e matou o Minotauro. Graças ao fio de Ariadne, Teseu encontrou não somente seu caminho até o Minotauro, mas também o caminho da saída do labirinto.

Esse mito dá uma imagem profunda e grandiosa do caminho aberto para a Europa. Cada civilização é fundada sobre a precedente, assim como as ondas do mar saem umas das outras. É uma lei: a semente de uma cultura engendra a seguinte. Nesse mito, Europa é a semente da antiga cultura e a mãe da seguinte. Suas grandes quali-

dades devem ser fecundadas para se desenvolverem. O touro a dirige para seu novo sol alimentador; a águia fecunda suas particularidades e as faz crescer.

#### MOVIMENTO DA HERANÇA ESPIRITUAL DO LESTE PARA O OESTE

A história mostra que as ondas culturais se dirigem do Leste para o Oeste, dos países do sol nascente para os países do sol poente. A herança espiritual do Oriente chega ao Ocidente - a Europa - por Creta, para aí florescer sob nova forma. Europa é a filha do Rei da Fenícia. Pela lenda, a fênix, para os árabes, é o pássaro que renasce de suas cinzas. Dito de outra forma, ele não se cristaliza nem morre, mas se regenera no fogo eterno, assim como o Fogo do Espírito divino cria uma renovação eterna.

Se a história do Ocidente tivesse seguido a linha de uma contínua renovação interior, ela seria completamente diferente. O século que acabamos de deixar conheceu duas guerras mundiais, em consequência das tentativas efetuadas para dar à humanidade a segurança no plano material, o plano horizontal. E nos séculos precedentes, milhões de homens foram sacrificados em nome daqueles que, pretensamente, detinham a “verdade”: pela Inquisição, tribunal da Igreja, encarniçada contra os hereges; pelas guerras religiosas: uma guerra que durou trinta anos, uma outra, oitenta anos; sem contar os imensos expurgos dos regimes soviético e chinês, o sacrifício de um número incalculável de cidadãos russos, nem treinados nem bem armados, para conter o avanço dos buldôzers alemães; as guerras civis da África; o tráfico de escravos; os massacres nos Bálcãs e no Cáucaso; os campos

Agora que a famosa “doença da vaca louca” se expande progressivamente pela Europa, é interessante ler o que disse Rudolf Steiner, fundador da Antroposofia, numa alocução de 1923 intitulada *Quando um boi começa a comer carne*: “A cada sete anos mais ou menos, as células do nosso corpo se renovam. O mesmo acontece com os animais. Um animal estritamente vegetariano como o boi, ou a vaca, forma suas novas células a partir da matéria vegetal. Portanto esses animais têm a capacidade de elaborar a carne a partir das plantas. No estágio da tecnologia atual, essa transformação é impossível. Podeis cozinhar a couve pelo tempo que quiserdes, isso não virará carne! Suponde que uma vaca se decida a comer carne: ela vai então se saturar de todo tipo de matérias nocivas, como o ácido úrico e a uréia. Essas substâncias têm uma ação muito singular: influenciam diretamente o sistema nervoso e o cérebro. O resultado disso é que uma vaca que comer carne (os bovídeos são hoje alimentados com os resíduos provenientes dos abates) vai secretar quantidades de uréia que vão penetrar no cérebro e a tornarão louca”. Os animais alimentados contra a sua natureza são de fato maltratados, torturados, e condenados. Eles se viram, podemos dizer, contra seus atacantes. É o máximo do suportável. Ao invés de guiarem e sustentarem todas as criaturas, os homens se entregam a crueldades sem sentido, e agora é preciso pagar o preço, pelo menos em parte!

de concentração na África do Sul, na Alemanha, na Polônia, na Sibéria; sem esquecer a manutenção artificial da





#### DESMORONAMENTO DO PODER DO HOMEM-ANIMAL

Trata-se de um trabalho espiritual. Com essa finalidade, o impulso crístico desce até o coração dos seres humanos, como Teseu no labirinto, e dando-lhe a força para romper o poder do homem-animal em cada um, ela faz ressuscitar o homem superior e o tira de sua prisão. Aquele que está consciente dessas mudanças, e a elas se entrega com toda humildade, alcança a renovação interior. Mas ele não deve guardar esse impulso para aplicá-lo no plano material, como Minos. É preciso oferecer-se inteiramente à transformação de seus semelhantes, para mudar o mundo exterior e liberar novas possibilidades. A lei diz: “O que está no exterior é como o que está

no interior; e o que está embaixo é como o que está em cima.” É preciso começar construindo a morada espiritual da unidade na Europa – morada espiritual construída e sustentada pela Gnosis. Tal é a maravilhosa tarefa que a Europa deve cumprir no início do terceiro milênio. Tudo receber, tudo dar e, com isso, tudo renovar.

A princesa  
fenícia Europa  
levada por Zeus  
sob a forma de  
um touro (Valentin  
Serov, 1865-1911)  
Tretyakov  
Museum, Moscou.

## RELIGIÃO CRISTÃ OU RELIGIÃO DE CRISTO?

*A juventude de hoje é herdeira de muitas civilizações desaparecidas. Para aqueles que procuram resolver o problema da condição humana, esse legado cultural representa um grande estorvo. Entretanto, isto pode esclarecê-los sobre o porquê de seu modo de pensar, de sentir e de agir. Um professor responde com circunspeção às perguntas de um aluno um tanto revoltado. Ele fala em nome de uma cultura à qual ele se agarra; o aluno expressa suas dúvidas, pois em sua vida quotidiana, essa herança tem pouco valor para ele, ou até mesmo nenhum, e menos ainda tendo em vista a eternidade.*

**Aluno:** Logo farei vinte anos e quero tomar as rédeas de minha vida. Que direção devo escolher? Minhas experiências, em família ou na escola, não me permitem encontrar um sentido para minha vida. Meu amigo Alex morreu, no ano passado, num acidente. “Então era isso a sua vida?” me perguntei, diante de seu túmulo. Ou será que ele vai receber uma nova vida como sinal do Todo-Poderoso, como a Igreja nos ensina?

**Professor:** Você tem razão em dizer que a Igreja, que honra o Cristo como seu Deus, ornou com regras o caminho que leva até ele, nas quais os crentes devem se manter, se desejarem alcançar a felicidade eterna.

**Aluno:** Eu segui esse caminho de boa fé, mas nunca encontrei nele nada

*Gotthold Ephraim Lessing era filho de pastor. Nasceu em 19 de janeiro de 1729, em Kamenz, na Saxônia. Após seus estudos de teologia e de filologia, ele ganhou sua vida como escritor, bibliotecário e dramaturgo. Uma de suas peças, “Emília Galotti”, é um manifesto sobre a liberdade e a dignidade humana. “Nathan o Sábio” desenvolve o tema do autoconhecimento e o do caminho da libertação. Lessing era membro da loja dos franco-maçons “As três Rosas”, de Hamburgo. Ficou conhecido como um livre pesquisador da verdade. Recusou funções que lhe teriam dado certa projeção, como uma cadeira de Professor em Königsberg. Pois esse posto o obrigaria, a cada ano, a pronunciar um discurso de louvor ao rei. “O que me importa é apenas viver – na riqueza ou não.”*

de divino. Eu deveria crer, mas tinha dúvidas, como quando Alex morreu, de nunca poder encontrar a verdade. Tenho amigos que procuram a felicidade nas “*techno-parties*” ou nas “*love-parades*”, o que os auxilia a enfrentar a solidão. Eles dizem que, durante essas festas, eles se sentem libertos de seu corpo. Será esse o caminho atual para ir até Deus?

**Professor:** Não, é um erro. O ser humano não pode apoderar-se interiormente do Espírito divino. Ele não tem o poder para isso. Todavia, pode ocorrer que ele seja levado a um estado de supervalorização de si mesmo



pela imagem que os outros lhe devolvem. Isso acontece frequentemente sob a influência de uma espécie de entorpecimento obtido por diversos meios, e do qual ele se torna rapidamente dependente: via sem saída que leva à destruição da pessoa. Você tem razão em não seguir esse caminho, mas em preferir procurar a verdade que será a realidade para você. As indicações para seu caminho jazem talvez como um tesouro escondido sob as ruínas da nossa cultura: elas são a herança potencial do verdadeiro cristianismo. Um filósofo do século XVIII, Lessing, fala a esse respeito da “religião do Cristo”.

*Aluno:* Sim, o Cristo, a gente conhece...

*Professor:* Realmente, mas Lessing faz a distinção entre a *religião cristã* e a *religião do Cristo*. Ele compara a religião cristã a uma armação construída pelos homens em volta do edifício divino. A religião do Cristo se revela a partir do momento em que a armação desaba e deixa aparecer o verdadeiro edifício. É nesse ponto que

nos encontramos hoje em dia. O edifício divino se despoja de seus enfeites, e podemos contemplá-lo, por pouco que estejamos em estado de fazê-lo. O reino divino irradia, intacto, com todo o seu esplendor. Mas quem tem a capacidade de vê-lo? Quem tem olhos para ver?

*Aluno:* Mas como fazer para discernir o verdadeiro do falso?

*Professor:* Reconhecemos os homens pelos seus atos! Se eles aspirassem verdadeiramente ao amor e à justiça de Deus, eles já teriam mudado tanto, que nem teriam mais necessidade de lutar.

*Aluno:* Pois bem, mas ainda não atingimos esse ponto! Faz dois mil anos que se prega o amor ao próximo, e continuamos a nos matar uns aos outros. Nós estamos em plena violência, programados para atacar e destruir. O progresso da tecnologia e a prosperidade não mudam nada quanto a isto. Nem as belas frases dos humanistas do gênero de Lessing. Para que serve falar do bem e do belo, se os resultados são um desastre?

“Sem a verdade sois os perdedores”.  
Grafite no muro do porto de Lagos, Portugal. Foto Pentagrama.

Acaso o socialismo estabeleceu o paraíso sobre a terra? Tudo isso não passa de mentiras! Temos a impressão de que nos colocaram algemas invisíveis.

Professor: É isso mesmo! O ser humano está preso. Vemos isso muito bem na história do doutor Fausto (Pentagrama n.3, 2000). Aos 16 anos, Lessing ficou gravemente doente, e procurou desesperadamente uma saída. Em seu poema *A Religião*, ele exprime seu dilaceramento: ele é prisioneiro do pecado e suspira pela Luz:

*“Tu,  
Somente Tu estás em mim,  
O único ser puro  
O único,  
Que não está a serviço do pecado”.*  
E ele se pergunta:  
*“Um Deus pode depositar numa alma  
Um desejo tão ardente  
E a tortura de uma tal impotência?  
Um Deus onipotente e sábio!  
ó homem, criatura lastimável!  
E entretanto,  
Isso que ele criou,  
O mundo e tu,  
É bom?”*

Lessing vê o homem rodeado de demônios. No plano físico, eles o incitam ao prazer, o que inclina seus pensamentos e seu comportamento à preguiça. No plano mental, eles o impulsionam a construir torres de marfim, as modernas Torres de Babel das universidades. E eles sempre o seduzem com a idéia de liberdade, que ele jamais alcança...

*Aluno:* Exatamente! Esse é também o meu problema. Quero fazer o bem, mas não consigo. Quando quero seguir meus sentimentos e procuro fazer o bem, eu geralmente cometo um erro. Se eu tento fazê-lo com o meu intelecto, então deixo-me rapidamente levar por tagarelices eruditas. No final, minha sede pela verdade volta à tona, mas...

*Professor:* ... esse é o sinal que Deus

depositou em nós. Lessing o denomina de “verdade interior”, a voz que fala interiormente no coração. Em Nathan, o sábio, Lessing conta: *“Quando, há dezoito anos, a mulher de Nathan e seus sete filhos foram selvagemmente assassinados pelos cristãos, ele ficou três dias e três noites chorando, sobre a cinza e a poeira, revoltado contra Deus, amaldiçoando o mundo e jurando um ódio implacável aos cristãos. Então, ele ouviu, no íntimo de seu ser, uma voz doce: “E contudo, Deus existe! Portanto, essa era sua sentença! Anda, vai, executa o que compreendeste há muito tempo, pois não é mais difícil fazer do que compreender, por pouco que o desejes. Anda, de pé!” Ele se levanta e clama a Deus: “Sim, eu o quero! Tudo o que eu quero é querer!” Nesse momento aparece um monge carregando em seus braços um recém-nascido cristão. Ele o confia a Nathan para criá-lo. Nathan pega a criança, deposita-a em seu leito, e cai de joelhos, soluçando: «Ó meu Deus, após os sete, eis aqui um de novo!»* Foi assim que a voz interior o auxiliou a triunfar de seu ódio. Em seguida, ele renunciou a exercer sua própria vontade e fez a experiência do “morrer para vir a ser”, de que Paulo fala. Mediante sua ligação com Deus, ele adquiriu a certeza interior. E, assim, a liberdade interior.

*Aluno:* Será que Lessing realmente experimentou isto, ou ele só o escreveu?

*Professor:* Não, ele realmente o viveu. Ele foi o primeiro escritor que não recebeu o sustento de um mecenas, e só se casou na idade de quarenta e oito anos. Um ano mais tarde ele teve um filho, que perdeu ao fim de vinte e quatro horas. Lessing escreveu ao seu irmão: *“Minha alegria teve curta duração! Ah! Sinto tanta dor por ter perdido esse filho. Pois ele era tão inteligente! Tão inteligente! Você acreditaria que essas poucas horas de paternidade me tornaram orgulhoso como um macaco? Eu sei o que estou dizen-*

do. Não será uma questão de inteligência, que ele tenha visto imediatamente o perigo, quando quiseram puxá-lo com o fórceps? Não será uma questão de inteligência que ele tenha se safado na primeira oportunidade? E este tolinho está arrastando a sua mãe com ele! Há pouca esperança de salvá-la. E eu que queria ser feliz como todo mundo! Foi a infelicidade que me coube.” Dez dias mais tarde: “Minha mulher faleceu; eu sofri isso também. Estou contente por não ter mais a perspectiva de experiência semelhante, sinto-me aliviado.”

*Aluno:* Foi um destino muito duro. Mas apesar de seu desgosto, ele fala como alguém que se observa, e dá testemunho de uma profunda fé em Deus.

*Professor:* ...e da imitação de Cristo em sua vida cotidiana. “Ninguém é cristão se não perseverar até o fim. Pois só o que nos acontece, a exemplo de Cristo, nos dá a oportunidade de mostrar que somos cristãos”. Com Cristo, ele carrega sua cruz e entrega o comando de sua vida à sua voz interior. Ele não se revolta contra sua sorte. Ele a aceita, purificado de todo egoísmo e, como João no deserto, prepara-se para o batismo de fogo do Cristo ressuscitado.

*Aluno:* O que eu conheço sobre a religião cristã é bem diferente. Todo membro da Igreja tem seu lugar garantido no céu. Ele nem sequer percorre o duro caminho da cruz!”

*Professor:* Quando tinha quase a sua idade, Lessing escreveu: “Sempre ouvi os cristãos dizerem que é preciso amar seus inimigos, mas eles não fazem nada disso, e eu duvido que eles sejam verdadeiros cristãos”. Quando pensamos na fonte do cristianismo, as religiões cristãs atuais certamente não podem se atribuir esse nome. A maior parte dos crentes usa a via fácil do dogma para ganhar o céu. O amor a si mesmo os ocupa tanto, que seu Deus personificado não pode viver sem que lhe seja feita uma oferenda de manhã e

de noite. Esse amor a si mesmo, tão pouco cristão, os arrasta para o mau caminho, pois o verdadeiro Amor conduz a um dever para com toda a humanidade. João pregou essa doutrina no seu “*Evangelho do Espírito*”. É bem diferente do “*Evangelho da carne*” que tantas pessoas observam. Trata-se aqui da ligação do coração com a Força crística universal, que impulsiona os seres humanos a retornar à Casa do Pai.

Não esqueça que Lessing vivia num tempo em que as campanhas difamatórias eram fatos comuns. Ele publicou um certo número de ensaios para dar o verdadeiro valor aos elementos libertadores do verdadeiro cristianismo. O resultado foi uma proibição de publicá-los, sob pena de morte. Ele voltou-se para o teatro para tentar falar, por meio de “*Nathan, o sábio*”, com os pesquisadores contemporâneos. Três anos mais tarde, em seu leito de morte, ele relembra sua vida: ele não fez carreira! Está tão pobre que será enterrado às custas do príncipe. Pois além de seus inúmeros escritos, resta a lembrança de um livre pesquisador da verdade, de um homem que, apesar de suas provações, teve a coragem de ir até o fim em suas convicções, sem jamais se desviar. “O espírito do pesquisador não pode irradiar a Verdade a não ser do íntimo de si mesmo.”

*Aluno:* Juntar os atos à palavra... então os fanáticos de “*tecnô*” fazem isto com mais facilidade...

*Professor:* Como assim?

*Aluno:* Assim: eles fazem tudo como se estivessem se libertando de sua prisão. Para eles, Cristo não existe: nem há força alguma universal que possa ser chamada de Cristo. E pode ser que nem valha a pena... pois eles nem consideram o mal como mal e aceitam sua infelicidade.

*Professor:* ...nisso se reconhece a assinatura de Mephisto pois, de fato, não é o homem que se apodera do Espírito, é o Espírito divino que vai ao

encontro do homem.

*Aluno:* Se considerarmos o bem, podemos facilmente ir parar na pista errada se não conhecermos a história do passado. Esse Lessing também era historiador, não? Então ele não deveria saber porque sempre havemos de ter problemas?

*Professor:* Penso que sim. Ele conhecia o grego e o hebraico. Portanto, ele pôde estudar o hermetismo, de onde ele deduziu que o homem devia possuir em sua alma um princípio divino imortal. “*O hermetismo é certamente o mais antigo de todos os sistemas filosóficos. Ele é bem anterior ao platonismo e ao pitagorismo e engloba tudo o que os sábios do Oriente ensinaram*”. Em Nathan, o sábio, a parábola do anel revela como a força da alma se perde e pode ser reencontrada.

*Aluno:* Conte-me essa história.

*Professor:* Claro! Durante a terceira cruzada (1189-1192), o sultão Saladino mandou procurar Nathan para julgar sua sabedoria. Saladino lhe perguntou qual religião era a boa: a dos cristãos, a dos maometanos ou a dos judeus? Como resposta, Nathan lhe contou a parábola do anel: um homem possuía um anel de muito valor com uma opala engastada. Desejando legá-la a seus descendentes, designou seu filho bem amado como herdeiro. Com o passar do tempo, o anel chegou às mãos de um homem que tinha três filhos, aos quais amava igualmente. Para não lesar nenhum deles, ele mandou fazer dois outros anéis, idênticos ao original. Após a morte do pai, cada um dos filhos pensou ser o único herdeiro. Eles não conseguiram então entrar em acordo e levaram o problema diante do juiz, que lhes aconselhou a provar, pela retidão de seus atos, quem seria o legítimo herdeiro.

A opala é o símbolo da ligação com a fonte da vida original. Um dia, essa ligação foi rompida, e o homem seguiu seu próprio caminho, no qual apareceram as três religiões em questão, que jamais cessaram de se indis-

por umas com as outras. O homem parodiou o amor universal porque ele não compreendia mais o amor de Deus. Ele forjou um semblante de amor, que, na maior parte do tempo, só provocou mais mal ainda. O fato das três religiões – os três filhos – se oporem mostra que elas não possuem mais a força espiritual original. Elas escondem seu vazio interior sob o falso brilho exterior. É isso que faz com que Lessing diga que todas as religiões são, ao mesmo tempo, verdadeiras e falsas; pois a letra não é o espírito.

O juiz deu aos três irmãos o seguinte conselho: “*Aceitai a situação presente. Cada um de vós acredita possuir o anel autêntico... Portanto, agi de acordo com isso! Dai provas de um amor imparcial, esforçai-vos por fazer surgir a força da pedra preciosa. Possa Deus conceder-vos essa força em razão de vossa bondade, de vossa tolerância, de vossas boas ações, e de vossa íntima entrega à Sua pessoa. E, se essa força se manifestar em vossa descendência, então, mesmo após milhares de anos, a verdade aparecerá à luz do dia!*”.

Assim, devemos mostrar se recebemos e compreendemos o amor de Deus. Aquele que adquire a iluminação interior não prejudica mais o seu próximo, mas o auxilia a alcançar a mesma meta.

# O DEUS MORTO E O NOVO HOMEM

*“Deus é um mistério, e tudo o que dizemos a respeito d’Ele são somente palavras e crendices. Fazemos para nós mesmos as nossas próprias representações e opiniões, e quando eu falo de Deus, tenho em vista a imagem que os homens fazem dele. Ninguém, em realidade, a não ser Deus ele mesmo, sabe quem Ele é”. (Carl Gustav Jung)*

O suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) é o fundador da psicologia analítica. Para ele, a segunda metade do século XX é um tempo no qual “Deus desapareceu”, um tempo em que “Deus morreu”, onde os seres humanos perderam sua pátria original e esqueceram sua verdadeira natureza. Ele escreveu: *“Pode acontecer que um cristão creia em todos os santos mas no mais fundo de sua alma ele não mude, porque coloca Deus fora de si mesmo e não O experimenta na alma.”* É preciso reconhecer Deus em sua alma e vivenciá-lo. Segundo Jung, é pela psicologia que a mensagem de Cristo deveria ser abordada. Ele coloca assim a psicologia analítica em oposição à doutrina cristã corrente, e considera Cristo: o arquétipo da imagem de Deus, o Ser, o ponto central integral e indivisível de todo homem.

O vir a ser de um novo homem é um tema essencial na obra de Jung. Segundo ele, o eu não pode ser nem confundido nem identificado com o Ser. E ele reconhece com pesar: *“Eu me dou conta continuamente de que se confunde o processo de individualiza-*

*ção com o vir a ser consciente do eu. Identifica-se assim o eu com o Ser, de onde advém um desastroso erro de compreensão, porque desse modo a auto-realização torna-se puramente egocêntrica e narcisista”*. Portanto, ele faz claramente uma diferença fundamental entre dois estados de consciência: o primeiro, sendo o absoluto estado de consciência divino daquele em quem se manifestou o Ser; o segundo, o estado bissexual do homem-eu. Na sua época, ele foi o guia daqueles que aspiravam à verdade e a um verdadeiro comportamento religioso.

## É ESSENCIAL UMA COMUNIDADE DE ALMAS VIVENTES

O ensinamento transfigurístico atual mostra, de fato, que esse caminho pode ser motivo de uma grande confusão. Se não sacrificarmos o poder de nosso eu, o homem divino não despertará. A visão analítica de Jung só leva em conta o estado de consciência global – e não a existência das duas naturezas, que explica todos os conflitos da vida. Para ele, o estado de vida divino é praticamente inacessível porque o eu, que é inferior, está sempre presente no Ser. Ele diz que o eu é uma ínfima parte do Ser, uma gota de água no oceano. Porém, no ensinamento da transfiguração, o Ser divino está claramente separado do eu. O ensinamento em questão faz referência a dois níveis de vida – as duas naturezas que têm, cada uma, as suas próprias leis. Quando o pesquisador descobre o caminho entre as duas nature-

Jung (à direita) e Freud (à esquerda) por ocasião de um Congresso na América, 1909.

zas e começa a segui-lo, o Ser divino desperta. O eu deve submeter-se a esse novo desenvolvimento, e deixar-se guiar por ele: assim, ele acaba se dissolvendo inteiramente. Mas há uma condição – e aí está a diferença entre os dois ensinamentos – deve existir uma comunidade de almas viventes que permita a assimilação das forças crísticas ativas. O eu é o centro da consciência humana. Tudo com que o eu não se identifica é considerado como o “não-eu”. Portanto, os domínios do “não-eu” são bem mais extensos do que os domínios do eu. E como o eu é sempre confrontado com algo com o qual ele não pode se identificar, ele nunca é completo e portanto jamais será divino. Ele nunca se torna igual ao verdadeiro Ser, como Jung o pretende. Qual seria, então, a função do eu, segundo Jung?

#### FASES DA REALIZAÇÃO

Jung estabeleceu que todos os seres humanos procuram alguma coisa,



como, por exemplo: não ser dependentes das condições exteriores. Essa tendência interior pode tornar-se um desejo de aperfeiçoamento do Ser. Do mais profundo do Ser interior soa um chamado. Que aquele que tem ouvidos para ouvir este chamado o siga! Ele compara a alma humana a uma biblioteca munida de todas as informações. Lá também se encontra o pergaminho original no qual está escrito que o homem é um filho de Deus. E este pode reconhecer seu mestre em seu Ser porque o ensinamento crístico se manifesta nele como conhecimento direto. É assim que ele tem a capacidade de libertar-se dos dogmas religiosos e de praticar a religião vivente. Em seguida, Jung compara a alma humana bissexuada a um laboratório alquímico, pois os escritos dos alquimistas foram as principais fontes de suas pesquisas sobre o subconsciente. Os aspectos contrários da psique devem acabar se casando uns com os outros. Finalmente, na parte superior da alma, os últimos aspectos contrários – o feminino original oposto ao masculino original – devem fundir-se um no outro. E dessa união deve nascer o homem divino, o Ser andrógino, o Pai-Mãe. Portanto, o processo de individualização de Jung consiste em aprender a conhecer o subconsciente, e em tornar-se consciente do Ser por meio da psicossíntese.

#### O DOMÍNIO DO SUBCONSCIENTE SOBRE O EU

Segundo Jung, o processo de realização do Ser começa pela iniciação à sua própria realidade. O ponto de partida está num eu relativamente forte e estável, que oferece muitos aspectos bem adaptados ao mundo exterior. Um eu como esse é capaz de seguir o perigoso caminho que atravessa os abismos da alma; e isto, sem ceder às

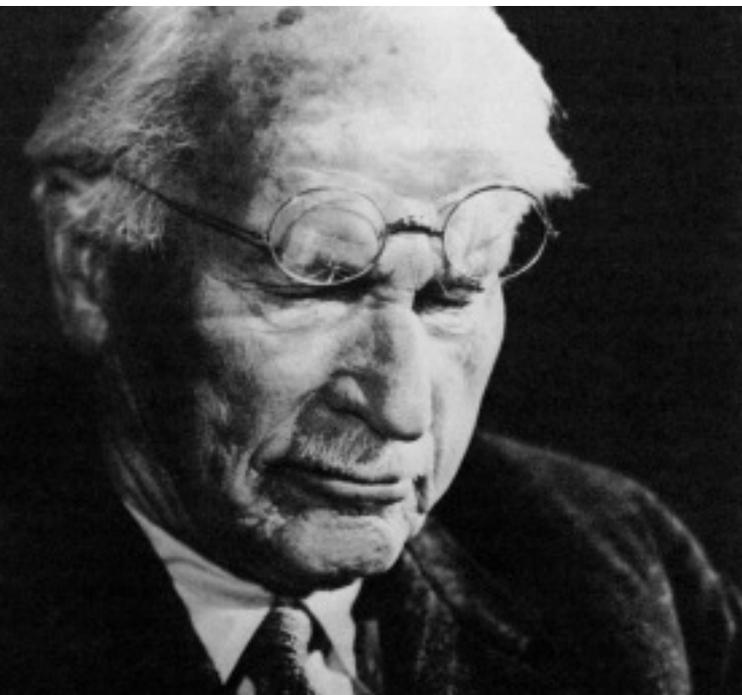


tentações. Esse fortalecimento do eu é a primeira fase do caminho que leva ao Ser. No decorrer de sua jornada, o eu reencontra suas próprias sombras, constituídas por tudo aquilo que ainda não foi vivenciado e ultrapassado, por tudo o que ainda não se tornou consciente. É a soma de tudo o que caracteriza o indivíduo e que ainda não foi reconhecido. Por exemplo: uma pessoa tem tendências que a levam à inveja, ao ciúme, à cólera, à crítica, à maledicência, à desonestidade, ao ódio etc: isso tudo a impede de se desligar do mundo, pois dessa forma ela se acorrenta aos seus semelhantes e à humanidade inteira. É sempre mais fácil ver o cisco no olho do vizinho do que a trave no seu. Mesmo

quem tem pensamentos negativos também pode projetar algumas influências consideradas positivas sobre os outros, mas dessa forma mantém sua própria prisão e a dos outros. Assim, os homens se aprisionam mutuamente num caos pavoroso. A falta de conhecimento determina suas ações, submetidas às forças do subconsciente.

Se aprendermos a reconhecer essas sombras em nós mesmos, é possível fazê-las se dissiparem, e assim nos libertar um pouco do mundo. Jung faz esta advertência: *“Quando entramos em contato com o mal, corremos o risco de nos afundar nele. Portanto, não devemos nos deixar levar nem pelo mal, nem pelo bem. O pretensão bem*

Krishna sob a forma de Vishnu. Índia, século XVIII.



*Jung correspondia-se intensamente com teólogos de toda a parte, como o dominicano inglês Victor White. Este se tornou em seguida um opositor feroz e tentou desacreditar a obra de Jung, que disse compreender que White não poderia fazer de outra maneira, pois estava ligado a uma crença dogmática. Entretanto, apreciava tudo o que ele lhe havia trazido.*

*ao qual nos entregamos forma o caráter moral. Ele não é mal em si, mas isso acarreta más conseqüências, já que nele caímos. Toda e qualquer forma de queda provêm do mal, quer sejamos escravos do álcool, das drogas ou de um ideal qualquer. Não devemos mais nos deixar levar pelo jogo dos opostos.”*

#### ASPECTOS MASCULINO E FEMININO

Segundo Jung, a etapa seguinte é o conhecimento consciente das características psíquicas opostas dos dois sexos. Uma lei interior dita que tudo o que não foi vivenciado e ultrapassado permanece no subconsciente e aí leva vida própria. Na psique feminina existe o animus, e na psique masculina, a anima. Os dois se manifestam segundo o estado de consciência, e suas características – nem sempre muito lisonjeiras – se projetam no mundo dos homens e no das mulheres. Somente o conhecimento consciente pode resolver os problemas que surgem desse fato, e pôr fim à luta dos

sexos. É por meio desse conhecimento que acabamos por dominar nossas emoções e nossos afetos. O sexo oposto perde algo de seu mistério, já que tomamos consciência dele ao lermos nas profundezas de nossa própria psique. O amor ao próximo só se torna possível desta forma. Então, homem e mulher podem voltar-se um para o outro sem preconceitos, e trabalhar em harmonia, corretamente.

#### O PRINCÍPIO ORIGINAL MATERIAL E ESPIRITUAL

A partir desse momento, o ser humano está pronto para reconhecer a essência da masculinidade e a da feminilidade em suas formas originais. Jung descreve essas duas essências como a essência material (feminina) e a essência espiritual (masculina). Elas são simbolizadas pelos arquétipos da “Grande Mãe” e do “Velho Sábio”. A primeira é a alma, a matéria, a vida, a mãe; e o segundo é o espírito, a força, a sabedoria, o pai.

Durante esta última fase, o ser humano descobre que é ao mesmo tempo espírito e matéria; que o espírito também é matéria e que a matéria também é espírito. Quando a matéria da feminilidade original é penetrada pelo espírito da masculinidade original, nasce o Ser. A força de ligação é o amor divino, que se esforça por trazer

tudo de volta à unidade. Então, o eu descobre seus ancestrais primordiais: o primeiro par de aspectos contrários que surgiu no mundo após a queda. Deste par descende, neste mundo, tudo o que não provém de Deus.

Entretanto, existe um perigo – o mesmo do início dos tempos: o eu corre o risco de identificar-se com as imagens que se revelaram aos ancestrais primordiais, e também de intervir, tornando-se um obstáculo para o processo alquímico da psicossíntese. De fato, as imagens do passado, e as forças que agem através delas, cativam o pesquisador que as encontra em sua própria psique. Elas podem, por exemplo, fazer-se passar por um feiticeiro, um profeta, um mago, um padre, a Igreja ou a Sophia. Elas têm o poder de inspirar em alguém uma grande vaidade ou a loucura das grandezas. Muitos pesquisadores tropeçam nessa etapa,

identificando-se, por exemplo, com o Velho Sábio. Para obtermos consciência e discernimento, é preciso nos desfazermos dessas milhares de imagens armazenadas na consciência. Pois “*é preciso não nos deixarmos induzir a erro pelas forças opostas*” disse Jung. E, nesse momento, as forças que agem através dessas imagens estão à disposição do Ser no caminho da individualização: isto, se ele aprendeu humildemente a se distanciar dessas representações. Então, ele está pronto para encontrar face a face o arquétipo da imagem divina – e vai ao encontro de seu Ser e das forças que nele agem.

## O SER, SEGUNDO JUNG

Quando chegamos a esse ponto, reconhecemos a natureza dupla da

### A TRANSFORMAÇÃO DO CRISTIANISMO...

*Para o profano, o pensamento de Jung está na base da psicologia aplicada. Porém, Jung preferiu esforçar-se em desenvolver uma religião com alguns materiais provenientes de herança alquímica, psicológica, folclórica, mitológica e espiritual. Ele misturou esses ingredientes para fazer nascer o Ser e criar o novo homem. Iniciado em um dos mais antigos cultos, ele aí descobriu o mistério da vida e da origem do homem – e daí retirou sua visão do novo homem. Ele queria salvar o mundo e até mesmo ser o profeta dos novos tempos. Seus amigos católicos ficaram decepcionados porque ele afirmou que o catolicismo era menos ligado ao*

*cristianismo autêntico do que o budismo, o confucionismo, o taoísmo e outras religiões.*

*Para ele, cada religião contém apenas uma parte da verdade. Para encobrir suas próprias experiências, ele utiliza todo um sistema de metáforas, de símbolos e de nomes “científicos”, que só eram compreendidos por seus alunos iniciados. A respeito de si mesmo, Jung dizia que, assim como Nietzsche, ele também havia sido submetido a uma forte pressão espiritual:*

*“Em cada eão, existem ao menos alguns indivíduos que compreendem a verdadeira missão do homem. Eles são os guardiões das tradições para as gerações futuras, e para os tempos em que a compreensão geral alcançará mais profundidade.”*

C.G.Jung representa o Ser como uma morada. A mesma comparação aparece numa enciclopédia hebraica do século XVIII.

psique e, tendo penetrado profundamente no domínio do subconsciente, aprendemos a nos orientar em seu mundo original. Segundo Jung, nesse momento o eu se torna capaz de assimilar as forças que se elevam do subconsciente, pois ele já não é prisioneiro do mundo limitado do eu. Agora, ele deve reconhecer o arquétipo da imagem divina, o Ser, o símbolo da reunificação das forças opostas. O Ser é equivalente ao divino. Deus é indivisível: Ele é uma totalidade. Por meio dessa imagem, o mundo se manifesta em todos os seus aspectos: o mundo tal como ele foi, tal como ele é, e tal como será, do início ao fim. Daí fala a voz original: “Homem, conhece-te a ti mesmo, e conhecerás Deus”. Assim o homem é colocado, com a sua consciência eu, diante da imagem de seu Ser verdadeiro. E não é preciso que, de novo, ele se identifique com ela, nem que intervenha, mas apenas que se abandone à força central que fala através dela. É assim que ele é “transformado”.

Segundo Jung, o ponto de partida dessa transformação é a concentração no centro. Em outras palavras: é preciso que nos concentremos no lugar onde as transformações se criam. “O senhor compreenderá,” escreveu ele



para Victor White, “que a libertação só se encontra no campo central, no centro do Ser, que tanto está com Deus como contra Deus. Está com Ele quando determina o Ser. Está contra Ele quando o aspecto humano luciferiano existe fora de Deus.” Como sempre, o ser humano continua sendo tentado a se identificar com a imagem do Ser; e, por isso, continua sendo tentado a dominar as forças e os mundos. E Jung prossegue em sua carta: “Não existe em parte alguma apoio ou consolação, exceto na submissão ao Ser e na sua aceitação. Podemos dizer também que é Deus quem sofre na sua própria criação. Entretanto, quando o sofrimento e o tormento se tornam muito grandes, a unidade com o Ser não é atacada e ocasionalmente uma paz que não é deste mundo.”

#### PERGUNTAS SEM RESPOSTAS

O eu é colocado diante do Ser, da imagem de Deus, e transmite a outros a força que ele recebe dessa imagem. Jung escreveu: “Somos capazes de imaginar partes da psique, mas somos incapazes de imaginar o Ser. No entanto, a parte deveria nos fazer compreender o todo!” Mais adiante ele disse: “Não temos nenhuma esperança de nos tornarmos conscientes do Ser. Pois apesar da extensão de nossa consciência, resta sempre um aspecto indeterminado do subconsciente que faz parte do todo. Assim, o Ser continuará sendo sempre uma grandeza de uma ordem superior.” Assim, a parte que é o eu jamais poderá alcançar e compreender o Todo, o divino. Jung claramente o reconheceu e disso deu sinais.

Será que a concentração no ponto central despertará o novo homem, o Ser vital divino? Será que o eu morre no Ser, assim como a gota de água se perde no mar? Será que o Ser se une ao eu para se tornar um “eu sou” divi-

no? Jung não deu resposta a essas perguntas.

Ele foi um precursor em sua época para todos aqueles que estavam em busca do verdadeiro homem. Entretanto, no caminho que ele descreve, podemos facilmente nos perder em detalhes insignificantes. Corremos o risco de vagar pelos meandros da alma, de perder completamente de vista o novo homem, e acreditar também que o eu faz parte integrante do novo homem – o que não é absolutamente o caso. Os dois são fundamentalmente distintos. A consciência do eu se apóia nas percepções dos sentidos; a consciência do novo homem se forma e se sacia da fonte divina original. Os dois jamais se encontram. Além disso, é necessário um campo purificado e de alta vibração que permita superar tudo o que se encontra no subconsciente. Logo, é indispensável um campo como esse em nossa época de superdesenvolvimento da personalidade.

#### LIBERTAÇÃO DO INDIVÍDUO

Somente a união das almas que atingem o limite do que ainda é desconhecido, levadas pela contínua oferenda de amor da fonte da Vida original, é capaz de reduzir a nada os perigos. Portanto, não se trata de indivíduos isolados que, durante um certo período cultural, se libertariam da roda do nascimento e da morte. No período da colheita que agora se anuncia, muitos poderão seguir o caminho – mesmo que isso não pareça possível pelo sistema de Jung. Sua dupla consciência, a do eu e a do Ser, será substituída pela consciência da Alma que viverá conscientemente em Deus e por Ele.

Esse processo, por meio do qual o homem imortal vem tomar o lugar do homem mortal, é possível pelo sacrifício consciente do eu. Catharose de



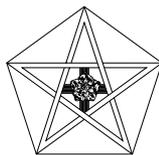
Petri, no livro *Transfiguração\**, assim fala a respeito: “O importante é fazer viver a Alma e transferir para ela o governo e a direção do Ser inteiro, não opondo a Ele nenhuma resistência nessa tarefa.

*Portanto, é desse modo que o candidato chega ao estado a que Paulo faz alusão quando diz: “Não é mais o eu, mas sim o Cristo quem vive em mim”. Com isso, Paulo não quer dizer que no recôndito do seu ser natural exista um aspecto crístico, mas, ao contrário, que todo o seu ser se volta, sem restrição, e se concentra na Alma despertada e renascida em seu microcosmo. Nesse caminho, nada da consciência dialética pode ser conservado”.*

(Dados provenientes do *The Jung Cult, Origins of a Charismatic Movement* e do *The Aryan Christ, The secret life of C.G.Jung* de Richard Noll; assim como de Carl Gustav Jung do Dr. Frank McLynn.)

\* Catharose de Petri, *Transfiguração*, p.2, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, Brasil, 1983.

O sonhador,  
gravura em  
madeira de  
Giovanni Battista  
Nazari, 1599.



*“A sabedoria divina tem três moradas:  
uma morada imaterial, eterna, sim, a própria morada  
da eternidade; uma segunda morada, o universo  
visível enquanto primogênito; e a última nascida,  
a morada da alma humana.”*

*(“Transcende o tempo, torna-te eternidade”, p.23)*